OBRAS POETICAS
DE
NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA.

TOM. II.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M.DCCCI.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

QUINTILHAS

Offerecidas ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de S. Lourenço.

ANte vós, Claro Senhor,
Que pondes os sãos cuidados
De bons eſtudos no amor,
E que d'homens applicados
Sois o exemplo, e o protector;

Levanto ſem pejo a voz;
Que eſſa alma nunca deſpreza
O pouco que encontra em nós;
Não produz a Natureza
Muitos homens como vós;

Pois vi outr'ora amparado
O diſcreto, e doce Brito,
Triſte moço, em flor cortado,
Que hia alevantando o eſprito,
De voſſas luzes guiado;

Pois na vida lhe adoçaſtes
De ſeu fado a má ventura;
E não vos envergonhaſtes,
Quando a fria ſepultura
Com as lagrimas lhe honraſtes;

Se os ſeus Verſos ſonorozos
Inda repetís com mágoa;
E penſamentos ſaudozos
Vos trazem aos olhos agua,
Que os deixa, Senhor, formozos;

Hoje, outro triſte vos faça
Naſcer iguaes ſentimentos;
Com os voſſos pés ſe abraça;
Não tem os meſmos talentos;
Mas tem a meſma deſgraça;

Naſ

Naſcido em baixa pobreza,
Quiz buſcar huma Colu'na;
Foi ſempre baldada a empreza,
Achou ingrata a fortuna,
Inda mais, que a natureza.

Em vão paternal ternura
Com vivo zêlo me aſſiſte;
Foi trabalho ſem ventura;
Creſcia no Filho triſte,
Com a idade, a deſventura;

Das boas Artes no eſtudo
Bom Pai empenhar-me quiz;
Traçava o velho ſizudo
Que foſſe hum Filho feliz
Dos outros Filhos o eſcudo;

Forão ſeus intentos vãos;
Zombou deſgraça importuna
Deſtes penſamentos sãos;
Para vencer a fortuna
Não ha lagrimas, nem mãos;

Cor-

Cortado então de agonias,
Só esperei ter ventura,
Quando envolto em cinzas frias
Escondesse a sepultura
Meu nome, e meus tristes dias;

E em quanto o vento forceja,
E no mar, que em flor rebenta,
Meu fraco lenho veleja,
Demando, em tanta tormenta,
Por porto a Casa de Angeja;

Surgi em lugar seguro,
Onde achei mil acolhidos;
Clareou o dia escuro;
E meus molhados vestidos
Pelas paredes penduro;

De meu fado a força dura
Foi hum pouco enfraquecendo;
E ainda que em sombra escura,
Vem-me ao longe apparecendo
O bom rosto da Ventura;

Voſſos Sobrinhos me dão
(Porque de meus males ſabem)
Principios de protecção;
Mandai-lhe que em mim acabem
Eſta obra da ſua mão.

Mandai, que apreſſem o paſſo,
Que inda longe a méta vejo,
Pois nas ſupplicas que faço,
Não ſe vence com dezejo,
Vence-ſe á força de braço;

Mandai, pois tendes direito,
Que o turvo mar arroſtando,
A' corrente ponhão peito;
Fallai, Senhor, que em fallando,
O voſſo mandado he feito.

Não vedes venal incenſo
Por aſtuta mão queimado;
Fallo, Senhor, como penſo;
Eu ſei quanto he reſpeitado
O Erudîto São Lourenço;

Eu

Eu ſei bém o alto conceito,
E as geraes eſtimações,
Que todos de vós tem feito;
Oiço ternas expreſsões,
Filhas de amor, e reſpeito;

Do bom Irmão, e Sobrinhos
Oiço tod'ora louvar-vos;
Oiço-lhes doces carinhos;
De poderem agradar-vos
Dezejão achar caminhos;

Voſſo Irmão, e pregoeiro
Ordena, como ſizudo,
Ao Illuſtre Neto, e Herdeiro,
Que das Sciencias no eſtudo
Vai dar o paſſo primeiro,

Se encoſte a vós, ſem deſvio,
Qual ao Choupo Hera ſilveſtre;
Que em Artes, virtude, e brio,
Mais, do que as regras do Meſtre,
Siga os dictames do Tio;

Com que goſto oiço, e contemplo;
Dizer-lhe = Se ao bem te inclinas,
Segue-o no eſtudo, e no Templo;
Elle te dê as doutrinas;
Elle te ſirva de Exemplo.

Mas ſigo inutil empreza,
Pois ſabeis quaes são ſeus peitos;
Miſtura-ſe eſta fineza
Com os ſagrados direitos
Do ſangue, e da natureza;

Todo o mundo, em voſſo abono,
Põe na boca os corações,
E delles vos chama dono;
Oiço mil acclamações
Deſde a plebe até ao Throno;

A geral eſtimação
Nos arma de authoridade;
Vinde pôr neſta obra a mão,
E dai-me felicidade,
Como me dais inſtrucção;

Sabeis a fundo, e de cór,
Tudo quanto ha bom, eſcrito;
Juntai extremos, Senhor;
Ao homem mais erudíto,
Juntai o mais bemfeitor.

Pois ſabeis da Antiguidade
Prozas sans, e sã poezia,
Deveis ſentir mais piedade;
Quem tem mais filozofia,
Vê melhor a humanidade:

Que eu neſta freſca eſpeſſura,
Entre eſtes Loiros ſagrados,
Sentado ſobre a verdura,
Cantarei Verſos limados
A quem me fez ter ventura.

Deixarei em mil letreiros
O voſſo Nome entalhado
Nos troncos deſtes Loureiros;
Poſſa elle ſer reſpeitado
Do negro vento, e chuveiros;

Ramos ſobre elle eſtendendo,
Dafne no ſeu peito-o tome;
E eu, doces hymnos tecendo,
Verei ir o tronco, e o Nome
Té ás Eſtrellas creſcendo.

QUINTILHAS

Offerecidas ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez do Lavradio.

SE os Verſos, que outra ora fiz
Eſcutaſtes prompto, e attento;
E ſe aos pés, que abraçar quiz,
Achou grato acolhimento
A minha Muza infeliz;

Dai-me benignos ouvidos
A outros, em dôr traçados,
D'arte, e de enfeite deſpidos;
Pela verdade dictados,
E a vós, Senhor, dirigidos;

Em louvores não os fundo,
Pois ſei que ſempre os pizaſtes;
E co'as mais acções confundo
As do tempo, em que tomaſtes
As rédeas do Novo Mundo;

Mas

Mas ſe eu diſſer parte dellas,
Não me julgueis lizonjeiro;
Que vos poupo em não dizellas?
Se vedes, que o Mundo inteiro
As vai erguendo ás Eſtrellas?

Diz que vio a Capital
Cheia de pompa, e grandeza;
E que a ergueis a luſtre tal
D'entre os braços da molleza,
Que he no Clima natural.

Que nas mãos, onde ſe encerra
Alto Poder reſpeitozo,
Moſtraſtes na nova Terra
Ao Vizinho revoltozo,
N'uma a paz, em outra a guerra.

Que offreceis a vida então
Para a palavra ſalvar-ſe,
Que os bons Reis não dão em vão;
Acção digna de contar-ſe
Entre as de Mario, ou Catão;

Que a mão que as Quinas voltêa,
Juſtiça ao Povo reparte;
E que igualmente menêa,
Ora as Bandeiras de Marte,
Ora as Balanças de Aſtréa;

Mas já voſſa auſteridade
Minha narração reprime;
Ouvis-me contra vontade;
Perdoai, Senhor, hum crime,
De que foi cauſa a verdade;

Pois que vos não dão deſvelos
Louvores, que préza a gente,
Eu vou, Senhor, ſuſpendellos;
E vou dar-vos novamente
Motivos de merecellos.

A minha longa fadiga
Já ſabeis qual he, Senhor;
Levai-me a bem, que a não diga;
Deixai-me poupar a dôr
De abrir huma chaga antiga.

Pintar Irmans desgrenhadas
Co' as creanças innocentes.
Nos débeis braços alçadas,
E de lagrimas ardentes,
Quasi sem fruto, banhadas.

Mostrar-lhe os olhos magoados,
Onde inutil pranto assiste,
Immoveis no chão pregados,
Nutrindo hum silencio triste,
Falsa paz dos desgraçados;

Contar-vos, que entre os Irmãos,
Diz o bom Pai, com ternura,
Que ao Ceo levantem as mãos;
Que assim se emenda a ventura,
E não com queixumes vãos:

Que he do espirito fraqueza
Perder suspiros no vento;
Que venção a natureza;
Que fação co' soffrimento
Honroza a dura pobreza;

Não lhe ver de dor ſinais;
Ter no roſto olhos ſerenos,
E no peito agudos ais;
Que porque ſe eſcutão menos,
Por iſſo me córtão mais:

Dar-vos huma inteira idéa
Da deſgraça minha, e delles,
Pintura de pranto chêa;
Se he preciza, he para aquelles,
A quem não dóe dor alhêa.

As almas tão bem naſcidas,
Como a voſſa vejo ſer,
Para ſerem condoîdas,
Não tem precizão de ver
Correr ſangue das feridas;

Sabeis, que ſoffro a impiedade
De vã fortuna traidora;
Mudai pois de heroicidade;
Vinde pleitear agora
A cauza da humanidade;

Por vós tirar não podeis
Penas, que a alma me abafárão;
Mas ante o Throno valeis;
E se o Sceptro vos fiárão,
Que vos negaráõ os Reis?

Reger-lhe os vastos Estados,
Ir dar-lhe hum novo esplendor,
São feitos famigerados;
Mas inda o será maior
Ir pedir por desgraçados,

Disse a Cezar o Orador,
Que os Soldados tinhão parte
No perigo, e no louvor;
Que fosse em outro Estendarte
Elle só o Vencedor;

Que era, de doce brandura
O deixar-se então vencer,
Mór victoria, e mais segura;
Onde não tinhão poder
Nem ferro, nem má ventura.

Vencei vós fem ter Soldados;
Fazei de dias de dor
Dias bemaventurados;
E poffa effa mão, Senhor,
Mais do que podem meus fados;

Claros Avós imitaftes,
Que o Mundo apenas abrange;
No berço palmas achaftes;
Dos Heróes que vio o Gange,
O fangue, e as acções herdaftes;

Remotos Povos vencêrão,
E mares bravos abrindo;
As Quinas defenvolvêrão;
Ante elles o Gange, e o Indo,
Tintos de fangue corrêrão.

Vós, que em obras femelhantes
Foftes fer a Copia honroza
Do que elles fizerão d'antes,
Na férie maravilhoza
Das voffas acções brilhantes;

Consenti, que a larga historia,
Que Almeidas levanta aos Ceos,
Lhes deixe no Altar da Gloria
Pendente, entre os mais Troféos;
Huma negra Palmatoria.

A' Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Condeça de Tarouca, na occaſião do ſeu Caſamento.

SEnhora, o Forte da Eſtrella,
Chorando o bem que perdeo,
Das ſuas juſtas ſaudades
Por portador me eſcolheo;

Quiz que eu vieſſe contallas
Ao ſom deſta rouca Lyra,
De longos annos affeita
A acompanhar quem ſuſpira;

Não fallo nos ternos Pais;
Nelles a alta Jerarquia
Tempéra ſaudozo pranto
Com o pranto da alegria;

Ao nome dos ſeus Paſſados
Planos caminhos acharão,
Unindo ao ſangue de Heróes
O ſangue de Heróes que herdárão;

Não fallo no amavel Conde;
Eſſe não faz compaixão;
Tem ſeges, tem bons cavallos,
Tem o remedio na mão;

Sobre rápidos ginetes,
Quebrando a dura calçada,
Com o Franciſco a reboque,
Andará ſempre na eſtrada;

Tambem das caras Irmans
Não venho as mágoas pintar;
Co' a terna Mãi muitas vezes
As viráõ deſafogar;

Fallo da trifte Familia,
Que em amoroza manîa
Accuza o Ceo, que vos deo
Formozura, e Fidalguia;

Dons, de feu mal cauzadores;
E que deixão coroado,
Na mais illuftre Conquifta,
O mais ditozo Soldado;

Ralham delle a toda hora;
Foi cauza do feu tormento;
Elogião, e praguejão
Seu alto merecimento;

Se he Soldado, figa a Guerra,
E as funeftas glorias della;
Ataque milhões de Fortes,
Mas deixe em paz o da Eftrella;

Tem figura, tem talentos;
Tem alta Eſtirpe preclara;
Oxalá que aſſim não foſſe,
Ella então o deſprezára; ⇉

Mas, Senhores, perdoai-lhes;
A's vezes na grande dor
Fallão palavras de raiva
A linguagem de amor;

O Silva, o Authomato honrado, *
Anda mais abſtracto, e mudo;
Põe o doce antes da ſôpa;
Queima o Café, quebra tudo;

O hirſuto, auſtéro Rodrigues,
Semblante de poucas pazes,
Deſafoga a ſua dor,
Dando murros nos rapazes;

Voſ-

* Copeiro.

Voſſa Aya, de tres idades,
Em canto eſcuro aſſentada,
Vos manda calado pranto,
N'um cobertor abafada.

Outras vezes eſquecida
De quanto ſeu Fado he crû,
No queixo ajuſtando o lenço,
E ſobrepondo o bajû:

Ergue ao ar canſados oſſos;
E ſem temer ventos frios,
Tirando-lhe Amor o pezo
Dos gelados pés tardios;

Do bom coſtume enganada,
E com a uzada cautela,
Para dar, e ter, bons dias,
Vos vai abrir a janela;

A janela a desengana;
Renova-lhe a dor no peito;
Chama em vão o vosso nome,
Abraçando hum ermo leito.

Do peito das mais Creadas
A saudade se não risca,
Desde as Ayas ralhadoras,
Té á ladina Francisca.

E pois que o sangue de Reis,
Pois que a Augusta Ceremonia,
Bem a pezar das Creadas,
Vos trouxe a Santa Apollonia;

Ide, Senhora, mil vezes
Curar-lhes a fresca chaga;
Seu pranto he filho de amor,
E amor com amor se paga;

Na rica, airoza Berlinda,
Dando ao digno Efpozo parte,
Aos patrios lares vos leve
Amor nos braços de Marte.

O Téjo, abaixando as ondas,
Voffos pés virá beijar;
Vai das Ninfas que creou,
Ver a Ninfa Tutelar.

Os Prazeres com os Rizos
Sejão a voffa equipagem;
Revôem em torno as Graças,
De quem fois a inveja, e a imagem:

Entrai nos tectos dourados,
Hoje lugar de faudade;
Ide, dos braços do Amor,
Lançar-vos nos da Amizade;

Levai-nos as doces noites,
Em que a voz que ſe eſcutava,
Sobre as azas da harmonia,
Nos noſſos peitos entrava;

Quando o Cómico travêſſo,
Entre geitos, e corcovos,
Habilmente arremedava
Todos os Muzicos novos,

O triſte, calado Cravo;
Já não ſente a déſtra mão;
Apenas he perſeguido
Pelo Senhor Dom João. *

Ide, Senhora, levar-nos
No voſſo roſto a alegria;
Fazei á triſte Junqueira,
O que faz o Sol ao dia;

Mas,

* Menino.

Mas, Senhora, a minha Muza
Tem talvez errado os Cultos;
Cuidando ter feito obſequios,
Talvez tenhã feito inſultos;

Dirão, que, trocando as cordas
Forão meus ſons deſiguaes;
Que errei em fallar aos Filhos,
Sem fallar primeiro aos Pais.

Que podia eſta Embaixada
Se déſſe em mais habil mão,
Cumprir as leis da Saudade,
Sem violar as da razão;

Mas, Penalvas, dito, dito;
Defendo o meu ſacrilegio;
Sois tudo; mas não ſois Noivos,
E he eſte o ſeu privilegio.

No dia dos Annos da Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora D. Maria de Noronha, hoje Condeça de Valladares.

SEnhora, os pobres veſtidos
Do voſſo humilde Compadre,
Não o deixão ir aos Annos
Da ſua Illuſtre Comadre;

O conhecido Colete
De bordadas guarnições,
Encartado ha longo tempo
Em Colete das Funções;

Sobre os ſeus cançados annos,
De humido Inverno aſſaltados,
Cheio de invenciveis manchas
Me foi hoje apreſentado;

Em

Em vão bemfeitor miôlo
Lhe esfrega o quarto offendido;
A minha choroza Mana
Dá o cazo por perdido;

E se assim me apresentasse
A tão alta Companhia,
As suas nódoas serião
Manchas da seda, e do Dia;

Do Tempo a fôice raivoza
Não me dá só hum revéz;
Além de me fazer velho,
Faz-me tambem descortez;

Mas elle honrou hoje o Mundo;
Sois do Mundo ornato, e inveja;
Deo hoje mais huma paga
A' Illustre Caza de Angêja.

Sua mão, que aperfeiçoa
Altos dons da Natureza,
A huns lindos, modeſtos olhos
Vai augmentando a belleza;

Altêa a airoza figura
Sobre a das Graças moldada;
A huma alma a mais digna, e nobre
Dá a mais digna morada;

Juſto Tempo, eu abençôo
O teu poder deſigual;
E em honra de tantos bens,
Eu te perdoo o meu mal;

Cem vezes nas tuas azas
Nos mande eſte dia o Ceo;
As Virtudes o conſagrem
Nos altares de Hymenêo.

E Vós, Illuſtre Senhora,
Perdoai Coletes rotos;
Valem mais, que inuteis ſedas,
Puro incenſo, puros votos;

Quiz mandallos em bons verſos;
Suou em vão meu topete;
Fui achar a minha Muza
Como achei o meu Colete.

A' Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Marqueza de Alegrete, quando lhe naſceo huma Fi.ha.

SEnhora, he couza ſabida,
Que aos Deozes não são vedados
Os eſcondidos ſegredos
Do eſcuro livro dos Fados;

E pois que em tempos antigos
Já tive alguma valia
Co' aquelle, a quem coube em ſorte
O governo da Poezia;

Não eſperando do Tempo
O vagarozo progreſſo,
E deſejando augurar-vos
O voſſo feliz ſucceſſo;

Na raiz do alto Parnazo,
Curvando o humilde joelho,
Exclamei = Se aqui ſe eſcutão
Votos de hum Poeta velho,

Não te peço, eſquivo Apollo,
Teus verdes, ſagrados loiros;
Não aſpirão a coroas
Deſta teſta os velhos coiros;

Abre, ſim, a denſa nevoa
Do vindoiro tempo eſcuro;
E ante meus ávidos olhos
Raſga as ſombras do futuro;

Saiba meu juſto dezejo
Quanto o deſtino promette
Aos noſſos ardentes votos,
E aos da aſſuſtada Alegrete;

O Deos, que nunca em mim vio
De Odes moiras a manía,
Que ſem o aſſumpto honrarem,
Lhe deshonrão a Poezia;

Que em Oiteiros de Oratorio
Não lhe puz a Lyra ao frio,
Arriſcando-a a ter por paga
Ou pedrada, ou aſſobio;

E muito mais porque vio,
Que da minha petição
Erão ſagrados motivos
A amizade, e a gratidão;

Fez fuzilar em meus olhos
Nova luz, vedada, e pura;
E de tudo o que então vi,
Vos vou fazer a pintura.

Vi, Senhora, as loiras Graças
Com doce, e rizonho aſpeito,
Tecendo engenhozas danças
Em torno de hum aureo leito;

E abrindo as ricas Cortinas
Trazerem nos caſtos braços
O digno, e precioſo Fruto
De Illuſtres, ſagrados laços.

Sobre o mimoſo ſemblante,
Em que os ſeus dons inſpiravão,
Dos mais altos Pertendentes,
Mil ſuſpiros auguravão;

Os Prazeres ſobre as azas
O berço lhe rodeavão;
Fortuna lhe abria os cofres,
As Virtudes a embalavão;

Vi Penalvas, vi Angejas,
Que aos Ceos mil hymnos mandavão;
Aos Ceos, que as duas Familias
Novamente abençoavão:

Vi a roda das Creadas,
Que á Menina dando vai,
Humas, os olhos da Mãi,
Outras, a boca do Pai;

Mas Apollo aqui fechando
As altas couzas futuras,
E deixando o pobre velho
Alegre, mas ás escuras;

Me disse = Conta o que viste;
O mais, em tempo vindoiro,
Fiel, apurada historia,
O dirá em letras de oiro;

Corri: mas trémulas pernas
Tem ſempre eſtrada comprida;
E pois acho a profecia,
Graças aos Ceos, já cumprida,

Beijo reſpeitozamente
Eſtas faixas, que envolvêrão
Aquella, a quem dão a vida
Os que a minha protejêrão;

Recebe, oh Recem-naſcida,
Terno amor, alto reſpeito;
Teus Avós, teus claros Pais
Te derão eſte direito;

E tu, Formoza Alegrete,
Que depois de erguida a meza,
Ficavas co' as velhas Aias
De mágicos filtros prêza;

Quan-

Quando eu a teus pés contava,
Mentirozo hiſtoriador,
Ora a do Caixão de vidro,
Ora a das Cidras do amor;

Quando os meſmos tenros annos
A tua Filha contar,
Todos os dias virei
Meu officio exercitar,

E em tanto, a pezar do tempo,
Que a fronte me vai gelando,
Com a rouca Lyra ás coſtas
Pelo Parnazo trepando:

Vou ſentar-me entre os Loireiros,
Que réga Caſtalia fria;
Onde revôam em bandos
Os genios da Poezia;

E co' a teſta deſcuberta
A' viração bemfeitora,
Traçarei mais dignos verſos
Do que eſtes, que ouvis agora;

Com tempo os irei fazendo;
O Deos tambem me fez ver,
Que ſobre eſte meſmo aſſumpto
Tenho muito que eſcrever.

Na occazião em que o A. hia ver o Varatojo.

MEu Amigo, duro Amigo,
Fatal, rigido Banqueiro,
Motivo dos meus pezares,
Herdeiro do meu dinheiro;

Em taes termos me deixaste,
Que sou deste rancho o nôjo;
E co' as lagrimas nos olhos
Parto para o Varatojo;

Por ti filho da pobreza,
Irei ser naquelle mato,
Qual foi São Sebastião,
Não na vida, mas no fato;

Vai

Vai tu ſeguindo a fortuna,
E leva a bandeira alçada,
De tarde na laranginha,
A' noite na Arrenegada;

Até que voltando a roda,
Mande teu fado inimigo,
Que deixes creſcer as barbas,
E venhas viver comigo:

Vem, e traze o teu baralho,
Miniſtro dos meus deſtroços;
Farei do vicio virtude,
Apontando a Padres noſſos;

Vem viver entre altas brenhas;
Vem curtir as minhas dores;
Traze o pranto dos Parentes,
Traze as praças dos Crédores.

Não falla vão Agoureiro,
De cujas palavras rias;
Meus trabalhos me fizerão
Meſtre neſtas profecias.

Não te fies em ventura;
Quem joga, tem o meu fim;
Outrem te dará os goſtos,
Que tu me tens dado a mim.

Resposta a huma Carta, que em boa Poezia citava o A. por huns Versos, que tinha promettido.

A Tua polida Carta,
Que honrou hum Poeta razo,
Escrita em pura linguagem,
E assignada no Parnazo;

Da mais injusta ambição
Traz testemunhos fieis;
Possues grossos thezoiros,
E citas-me por dez reis?

Quem do doce Anacreonte
Bebeo o estilo divino,
Quer prostituir seus olhos
Co' as Trovas do Tolentino?

Pa-

Pago, em fim, divida louca;
Mas quem quer pontualidade,
Cuide tambem em pagar
As dividas da Amizade;

Sabes que intento imprimir;
E porque o Povo não fuja,
Sabio Amigo, emenda, risca,
Põe sabão na roupa suja;

Não te vendo falso incenso;
Es Juiz da Confraria;
Oxalá que altos negocios
Se tratassem em Poezia;

A Paz, a fugida Paz,
Voltára seu alvo cóllo;
E dera brandos ouvidos
A' branda Lyra de Apollo;

Rezifte humana cabeça
A' mais difcreta razão;
Mas ao poder da harmonia
Não rezifte o coração:

Faze, pois, o que eu te peço;
Que inda que ha vótos diverfos,
Se lhe pões a tua lima,
Quem morderá nos meus Verfos?

Dá-lhe, depois, teus louvores;
Comprará toda Lisboa,
Se huma vez te ouvir dizer =
Que comprem, que a Obra he boa;

Farta-me a bolfa; e fe queres
Ver tambem minha alma farta,
Manda riquezas de Athenas
Embrulhadas n'outra Carta.

Offerecendo hum Perum em caza, aonde todos os Domingos davão ao A. este prato.

SEnhora, tambem hum dia
Entrarei co' a frente erguida;
Não ſerei na voſſa meza
Dependente toda a vida;

Nem ſempre abatido pejo
Dirá neſta cara feia
Quanto doe a hum peito altivo
Matar fome em caza alheia;

Airozo, gordo Perum,
He meu ſoberbo prezente;
Traz inda as pennas molhadas
Co' pranto da minha gente;

No Santo Dia eſperavão,
Quebrando antigo jejum,
Cravar inexpertos dentes
Neſte primeiro Perum;

A ruſſa, magra Jozefa, *
Ergueo queixume ſentido;
Cuſtou-lhe mais eſta auzencia,
Que a do defunto Marido.

O loiro, alvar galleguinho
Chegou aos olhos ſeu trapo;
Tinha viſtas ſobre a carne,
E muitas mais ſobre o papo.

Seu almôço requerendo
Em luzindo a madrugada,
Na eſquerda, groſſa fatia
D'ambas as partes barrada;

Na

* Creada.

Na dextra, com branda cana
O ſeu pupîlo guiava;
Em tenras, públicas malvas,
Para ſi o apaſcentava;

Quando lhe mandei trazer-vos
O bom companheiro ſeu,
Pedindo-me côxos mezes,
Me diſſe, que o trouxeſſe eu.

Eu o trago; a offerta he pura,
Mas a tenção a envenena;
Traz eſcondida huma uzura,
Maior, que a da meia ſena. *

Com hum ſorrizo acceitai
O atraiçoado convite;
Vem a morrer huma vez,
Porque muitas reſuſcite.

* Partido de jogo.

Curai todos os Domingos
A minha doença interna;
Sobre a meza milagroza
Seja eſta ave, huma ave eterna;

De outra, que finge a Poezia,
Trocai em verdade a pêta;
E ſeja hum negro Perum
A Fenis deſte Poeta;

Na ondada, pia toalha,
Co' a benção da voſſa mão
Seus frios, deſpidos oſſos,
De carne ſe cubrirão;

Conſenti, que eſte ouco peito
Ao prodigio ſe conſagre;
E que dentro em ſi colloque
A mór parte do milagre;

Quanto ao Padre Prégador, *
Meu voto he não convidallo;
Porque ha de comer o assumpto,
Muito melhor que prégallo.

* Capellão da Caza.

A huma Preta , que pertendia que a obſequiaſſem.

DOmingas, debalde queres,
Neſſe canto da Cozinha,
Vencer a invencivel teima
Da rebelde carapinha;

Em vão te arripia a frente,
De que zomba o Deos de Amor,
Alvo côto de pomada,
Furtado do Toucador;

Debalde tufado laço
De atadeira fitta Ingleza
Te aſſombra a lêveda pôpa,
Riſſada por natureza.

Debalde altêas as ancas,
Efguias, e enganadoras,
Co' as velhas algibeirinhas,
Que vão deixando as Senhoras;

Amor, fingindo dotar-te,
Te poz, com traidora mão,
Junto dos dentes de neve,
Faces tintas de carvão;

Inda que ancião pezado,
Defprézo teus vãos intentos;
Debaixo de murchas cans
Nutro altivos penfamentos.

Vejo a quebrada madeixa
Já tornada em gêlo frio;
Tudo o tempo me levou,
Mas não me levou o brio.

Debaixo da Zona Ardente
Jurar-te-hia amor, e fé;
Mas não tem culto na Europa
As Deidades de Guiné;

Se ás vezes te ponho os olhos,
Não he de amor final certo;
São dezejos de levar-te
A' caza de João Alberto. *

A engomada cazaquinha
Te descobre novas faltas;
Para outro corpo foi feita,
Dizem-no as feições mais altas.

Já n'outros pés teus çapatos
Soffrêrão do tempo o açoite;
Cansada, fendida sêda,
Mostra dedos côr da noite;

E

* Comprador.

E pois que a Amor queres dar-te,
Eu te aponto hum Xafariz,
Onde aches dignos amantes
Aſſentados em barris;

Acharás o Pai Franciſco,
Homem a bulhas contrario,
Já duas vezes Juiz
Na Irmandade do Rozario;

Acharás o forro Antonio,
Que o tabaco, e vinho enjôa;
E tem nos calmozos Junhos
Caiado meia Lisboa;

Verás esbelto Crioilo,
Dado ao vento o peito nû,
Levantando airozos ſaltos
No manejo do bambû;

Que ávidos cães enxotando,
Tem, com braço arregaçado,
Nas êrmas praias do Téjo
Cem cavallos esfolado;

Neſtes, vaidoza Domingas,
Aſſenta bem teu amor;
Chovão ſettas de teus olhos
Em peitos da tua côr;

Vai da janella da eſcada
Acolher, com doce agrado,
Os ſuſpiros que te envião,
Ao ſom do londum chorado;

E deixa de atormentar-me
Com tuas loucas idéas;
Tambem ſinto dores proprias,
E eſcuto pouco as alhêas;

Sim, Domingas, nós marchamos
Na mesma infeliz estrada;
E do amor, que eu te não pago,
Assaz estás bem vingada;

Tu puzeste em mim teus olhos,
E eu fui pôr em Marcia os meus;
Que me paga mil extremos,
Assim como eu pago os teus;

Marcia, que em alçando os olhos,
Mil settas nesta alma crava;
E em cuja caza tu tens
A dita de ser escrava;

Tens-me a mim por companheiro;
Temos o mesmo Senhor;
Tu, por cazos da fortuna,
Eu, por castigo de Amor;

E pois que eu não posso amar-te,
Seguirás melhor esteira,
Se de meus ternos suspiros
Quizeres ser mensageira;

Em vendo que ella está só,
Vai-lhe expôr a paixão minha;
Eu peço a Amor, que entretanto
Tóme conta na cozinha;

Amor lavará teus pratos,
E escumará a panella,
Em quanto tu a seus pés
Dizes, que eu morro por ella;

Teus grossos, trombudos beiços,
Lhe vão expôr meus cuidados;
Hão de ser melhor ouvidos,
Que sendo por mim contados;

Pinta-lhe as lagrimas triſtes
Em que meu roſto ſe lava;
Por hum infeliz cativo
Peça huma ditoza eſcrava;

Dize-lhe, que não ſe aſſuſte
De meu cabello nevado;
Jura-lhe que não são annos,
Mas penas, que me tem dado;

Que a cauza das minhas rugas
He o ſeu deſabrimento;
E vai da minha velhice
Fazer-me hum merecimento;

Ah Domingas, ſe em ſeu peito
Me fazes achar piedade,
Tambem eu juro fazer
A tua felicidade;

E pois que o teu coração
Sómente he baixo, e groſſeiro,
Em preferir liberdade
A tão feliz cativeiro;

Por amor ſerei meſquinho;
Meus gaſtos verás cortar;
Para ajuntar-te quantia
Com que te poſſas forrar;

Cheia de teus beneficios
Minha mão agradecida
Te irá pôr em larga praça
Rendozo modo de vida;

E aſſentada em novo eſtrado,
De faſquiada madeira,
Ondeando ao ſom do vento
Trémulo tecto de eſteira,

Teus negros, airozos braços,
Chocalhando hum aſſador,
Encheráõ famintos peitos
De caſtanhas, e de amor;

Terás bojudas tigellas
Sobre incendidos tiçóes,
Onde fêrvão em cardumes
Saborozos mexilhóes;

Teus doces, ſonóros écos,
Sem mentir, apregoaráõ
O azeite de Santarem,
O cravo do Maranhão.

Domingas, ſegue eſte rumo;
Que teu amor reloucado,
Sem te fazer venturoza,
Me deixa a mim deſgraçado;

E ſe ſem dó dos meus ais,
Teimas nos projectos teus,
Fallando nos teus amores,
Em vez de fallar nos meus;

Trocando boa amizade
Por entranhado rancor,
Vou deſcubrir teus intentos
A teu auſtéro Senhor;

Que em zelo honrozo inflammado,
Sem ſer precizo atiçallo,
Vai a caza do Lagoia *
Trocar-te por hum cavallo.

CAR-

* Comprador.

CARTA

A hum Amigo, louvando-lhe o eſtado de cazado.

Foi eſte o ditozo dia,
Que te deo a Eſpoza bella;
Doce, ſólida alegria,
Para ti, junto com ella,
No meſmo berço naſcia;

Por tua maior ventura,
Natureza lhe quiz pôr,
Entre os Dons da Formozura,
Outro dote inda maior,
Que he, alma innocente, e pura;

Eu ſei teu coſtume antigo,
A Mulher, que he ſó formoza,
Não vale tudo comtigo;
Soubeſte eſcolher Eſpoza,
Em quem tens Eſpoza, e Amigo;

Quer ſempre ter hum Senhor
Noſſo humano coração;
E na ventura maior
Inda ſente em ſi hum vão,
Que ſó enche o caſto amor;

De quantos males te eximes,
Dando ao teu tão bom Senhor?
Damnozas paixões reprimes;
Recebes das mãos do Amor
Os prazeres, ſem os crimes;

Céga mocidade errada,
A' conjugal união
Quiz chamar vida canſada;
Diz que he triſte eſcravidão,
De mil pensões carregada.

Chama á paz hum diſſabor;
Diz, que de ſuſto, e deſdens
Se alimenta o Deos de Amor;
E que a certeza dos bens
Lhes diminue o valor;

Fechão olhos á verdade,
Caminhando apôs ſeus erros;
E em falſa tranquillidade,
Ao ſom de pezados ferros,
Vão cantando liberdade;

Mil remórſos na alma eſtão,
Que inda que o roſto os ſuffoca;
Roendo as entranhas vão;
Que importa rizo na boca,
Se ha punhaes no coração?

Amor he fogo ſublime,
Que nas almas ſe accendeo;
As outras paixões reprime;
Elle he dadiva do Ceo,
O abuzo he que o faz ſer crime;

Beija, Amigo, os teus grilhões;
Hum para o outro erão feitos
Os voſſos bons corações;
Crava em voſſos ternos peitos
Santo Amor os ſeus farpões;

Onde achas peſſoa eſtranha,
Que não contrafaça o roſto,
Porque vê, que aſſim te ganha?
Quem he que na pena, ou goſto,
Com verdade te acompanha?

Contas teus cazos ſem medo
A quem por amigo paſſa;
Fiaſte-te em roſto lédo;
Foſte no meio da praça
Aſſoalhar teu ſegredo;

Mal os homens conheceo
Pura amizade enganada,
O ſanto roſto eſcondeo,
E tornou-ſe envergonhada
Para o Ceo, donde deſceo;

O amigo que te rodeia,
Véſte das tuas paixões;
Com ellas te lizonjeia;
São raros os corações,
Em que dôa dor alheia;

Quando acertares de ler,
Que houve entre homens união,
O Eſcritor a quiz fazer;
Não os pintou como são,
Mas como devião ſer;

São coizas imaginadas
Dos *Nizos* o amor profundo;
São fábulas bem contadas;
Ou os não houve no Mundo,
Ou não deixárão pégadas;

Puro amor, limpa verdade,
Só entre Eſpozos eſtão;
Deſce a elles a Amizade;
Traz-lhes co' a ſanta união
Huma ſó alma, e vontade;

Communica á Eſpoza amada
Teus mais internos cuidados;
E vive em paz deſcançada
A vida dos bem cazados,
Vida bemaventurada;

Sem receio de perigo
Dorme ſono ſaborozo;
Que não tens junto comtigo;
Lizonjeiro ſuſpeitozo,
Traidor, com roſto de amigo;

Tens por doce companhia
Aquella, que o juſto Ceo
Com mil virtudes te invia;
Tu es o cuidado ſeu,
E como ſeu, te vigia;

Goza em ſocego profundo
Tão pura felicidade;
Tens hum thezoiro fecundo;
Tens amor, tens amizade,
Tens todos os bens do Mundo.

E ſe ha entre homens deſvelo
(Coiza que aqui contradigo)
Conta com hum, que he ſingelo;
E foi ſempre teu amigo,
Quanto os homens podem ſêlo.

CARTA

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde D. Jozé de Noronha, hoje Marquez de Angeja.

SEnhor, eu não ſou culpado;
Traçar outros Verſos quiz;
Mas tenho perdido o trilho
Com as Trovas do Luiz;

A Muza, que ha pouco as fez,
Outra rima não me inſpira;
Por mais que mordo nas unhas,
E que em vão tempéro a Lyra.

Acceitai meus bons dezejos;
E como homem de razão
Não deſprezeis baixos Verſos,
Quando os dicta o coração;

Mi-

Minhas fiéis expreſsões,
Filhas de amor, e ſaudade,
O que não tem em poezia,
Lhe vai ſupprido em verdade.

Em quanto co' as ſoltas vélas,
Forçadas do vento rijo,
Demandava a Galeota
Os areaes do Montijo;

Em quanto ao Principe Auguſto
O patrio Téjo ſe humilha,
E ſobre os raſgados hombros
Lhe leva a ſoberba quilha;

Meus olhos, meus triſtes olhos,
Nas aguas ſeguindo a eſteira,
De lagrimas ſe arrazavão
Sobre as praias da Junqueira.

Den-

Dentro do cansado peito
Se ateou crua peleja;
Senti huma guerra viva
De saudades, e de inveja;

Não era de baixa inveja
Affecto grosseiro, e injusto;
Era invejar ao Creado
Ir junto a seu Amo Augusto.

Senhor, não sou atrevido;
Ha lugares derradeiros;
O meu dezejo me punha
Entre a chusma dos Remeiros;

Com as faces açoitadas
Dos agudos ventos frios,
Entre os borrifos das ondas,
E as pragas dos Algarvios;

A Apóllo pedindo a Lyra,
Que ſó para iſto invéjo,
Chamára das frias grutas
As loiras Filhas do Téjo;

Que eſcutando o ſom divino
Entre as húmidas moradas,
E levantando nas ondas
Suas cabeças doiradas;

De tal Hoſpede ſoberbas
O lenho rodeariáo;
E as aguas co' branco peito
A' porfia lhe abririáo;

O fatídico Protêo,
Cheio de ſaber divino,
Revelára ao novo Heróe
Os ſegredos do Deſtino;

Fa-

Famozas acções cantára,
Levantando a ſábia voz,
Moldadas ſobre as hiſtorias
Dos Auguſtos Pais, e Avós:

Mas, Senhor, a minha Muza
Sem tino ao ar ſe remonta;
E vai-ſe mettendo em obra,
De que não póde dar conta;

Eſta levantada empreza
Até a *Boileau* deo ſuſtos;
Dizia que ſó Virgilios
Podião louvar Auguſtos;

He queimar-lhe baixo incenſo,
Canſallo com Verſos frios;
Amor reſpeitoſo, e votos
Serão os meus elogios:

Vós,

Vós, Illuſtre Villa Verde,
Com quem ſempre me hei achado,
Fazei que ſeja o meu nome
A ſeus ouvidos levado;

Se lhe der acolhimento,
Sigamos de Horacio as traças,
Façamos que a par das Muzas
Marchem as rizonhas Graças;

Dizei-lhe, que na Folhinha,
Com letras doiradas puz
Aquelles formozos dias
Das eſcadas de Quéluz;

Aquelles dias ditozos,
Quando a ſeus pés ajoelhado,
Era ao abrigo das Muzas
Benignamente eſcutado;

Quan-

Quando, tendo já traçado
Melhorar-me os meus destinos,
Se dignava perguntar-me
Como estavão os meninos.

Quando me mandou, que em verso
Contasse como escapára
Naquelle funesto encontro
Dos taes Carreiros da Enxára; *

E se inda o favor mereço
De tão alta Protecção,
Dizei, que mudei de Officio,
Porém de ventura, não;

Que não me enganão zumbaias
Dos humildes Supplicantes;
Porque a bolsa mais sincera
Trata-me inda como dantes.

Que

* Allude ás Decimas.

Que inda os cães atrás do Ruſſo
Eſperão nelle a merenda,
Quando eu vou para Lisboa
Fazendo Verſos, e renda;

Que dando aos oucos ilhaes,
Vai marchando triſte, e ſó;
Que as mais ſeges fazem ſécia,
Porém que a minha faz dó;

Que até o boçal Gallego,
Que eu tinha por innocente,
Já me conhece a fraqueza,
E já me revira o dente;

Depois, que as vélas de cebo
Já cerceia no topete,
E vai conquiſtar o Bairro
De polainas, e colete;

De-

Depois que em chapeo de Braga,
Que só põe em dia claro,
Cozeo em devota rosca
Çandêa de Santo Amaro;

Depois que em déstros meneios
O suado corpo bole,
E abre guerra ás Cozinheiras
Ao som da Gaita de fole;

Já responde focinhudo,
E eu me cálo as mais das vezes;
Porque, pelos meus peccados,
Sou réo de huns poucos de mezes:

Mas, Senhor, este Epizódio
Vai sendo dos arrastados,
O Gallego veio nelle,
Como me vai aos recados;

Se o julgardes enfadonho,
Ao Principe o não conteis;
Nos factos da minha vida
A' vontade efcolhereis;

Pintai-lhe a trifte familia,
Gritando-me por dinheiro;
Hoje o rol de hum Alfaiate,
A' manhã o de hum Tendeiro;

Pintai-lhe hum Procurador,
Que aqui vem todos os dias
Saber da minha faude
Da parte das Senhorias; *

Enfeitai de côr alegre
A funefta narração;
Marchão ás vezes os rizos
Ao lado da compaixão;

E

* Das Cazas.

E pois que os voſſos esforços
Nunca me tem ſido vãos,
Acabai, benigno Conde,
Eſta obra das voſſas mãos;

De hum mal fadado Poeta
Trocai em prazer as penas;
Já diante d'outro Auguſto
Fez o meſmo outro Mecenas.

CAR-

CARTA

No dia dos Annos do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja D. Jozé de Noronha, estando o Author doente.

SEnhor, se vos são acceitos
Pobres Versos, mal limados,
Entre vidros, e receitas,
Em triste leito traçados;

Se de hum sombrio doente
A fúnebre poezia
Os prazeres não perturba
Deste faustissimo Dia;

Consenti, que a branda Lyra,
Por vós outr'ora escutada,
E que teimoza molestia
Tem ha muito pendurada;

So-

Sobre eſte canſado peito,
Ferida com debil mão,
Mande ao Ceo ſingelos hymnos,
Naſcidos do coração;

Conſenti, que eu louve o Dia,
Para mim aſſinalado,
Que raia em noſſo Horizonte,
De nova luz coroado;

Dia, que vos vio naſcer;
E que quiz trazer comſigo
Quem une ao nome de Grande,
O ſanto nome de Amigo;

Quem não quer ſó a Nobreza
De Illuſtres Antepaſſados;
E mais ama huma virtude,
Que cem Titulos herdados;

Quem ſabe, que o vir honrar
Dos pequenos a baixeza,
He entre os que naſcem Grandes
A verdadeira Grandeza;

Quem a favor de infelizes
Traz ſempre occupada a idéa;
E eſtima a fortuna propria,
Só para fazer a alhea;

Cem vezes, formozo Dia,
Vem o Horizonte doirar;
Nunca poſsão negros ventos
Tuas luzes perturbar;

Tu nos déſte em peito illuſtre,
Que ſe doe de alheios ais,
Hum coração adornado
De mil Virtudes Morais;

Senhor, eu não doiro enganos,
Que venal lizonja approva;
Sabidas verdades digo,
E ſou dellas huma prova;

Sou hum dos muitos exemplos
Do voſſo bom coração;
A minha felicidade
Foi obra da voſſa mão;

Razoando em meu favor
Contra teimozos deſtinos,
Felizmente pleiteaſtes
A cauza dos meus Meninos;

Ao bom Principe pediſtes,
Que com mão compadecida,
Lhes concedeſſe humas ferias,
Que duraſſem toda a vida;

Pediſtes depois, Senhor,
Que a ſua Real Grandeza
Se dignaſſe de arrancar-me
D'entre os braços da pobreza;

Sei que nelle he natural
Ter dó das alheias penas;
Mas ouve-as melhor Auguſto,
Quando lhas conta Mecenas;

Por eſte modo alegraſtes
A triſte familia minha;
E em caza nos levantaſtes
O Interdicto da Cozinha:

Já hum ſegundo Frizão,
Pendurada a lingua velha,
Dá reboque, como póde,
A' antiga meia parelha;

Já o ſórdido Gallego,
Meu antigo companheiro,
De gravata, e carrapito
Arvorado em Boleeiro;

Açoitando ſurdas ancas
De dois Sendeiros roazes,
No meſmo Bairro apregôa,
Ora barrîs, ora pazes;

Mas, Senhor, deixando graças,
Pois não as pede a materia,
E pedindo á minha Muza,
Que ſeja comvoſco ſéria;

Rogo ao Ceo vos dê mil annos,
Já que são tão bem gaſtados;
Annos que achareis depois
Em Livro de Oiro apontados;

E ſe em dia de Mercês
Ides de Semana entrar,
Seja a Mercê deſtes Annos
O meu nome apprezentar.

Ao Principe, ajoelhando,
Em favoravel momento,
Por mim, Senhor, lhe jurai
Eterno agradecimento;

E eu, em largando eſte leito,
Já ſei a hora opportuna
De poder ajoelhar-lhe,
Quando elle chega á Tribuna;

E pondo-me ao pé do Ginja,
Que na *Náo Ajuda* falla;
E faz a todos os *Glorias*
Continencias co' a vengalla;

Surdo á hiſtoria do naufragio,
Com que elle ás vezes me afferra,
Rezarei ao Deos do Ceo,
E aſſiſtirei aos da Terra.

CARTA,

Tendo mandado huma Senhora ao Author Vinho da Madeira com huma Carta em boa Poezia.

HUm humilde admirador
Da voſſa bondade, e eſtilo,
Beija a Carta precioza,
Que veio honrallo, e inſtruillo;

Deſde hoje, do Meſtre Horacio
Minha alma a lição eſcuza;
Quiz a minha Bemfeitora
Ser tambem a minha Muza;

De fino licor mandaſtes
A minha cava prover;
A voſſa mão generoza
Sabe dar, como eſcrever;

A' parca meza aſſentado,
Em Vinho, e Carta pegava;
Hia bebendo, hia lendo,
E tudo me embebedava;

Deixo o velho Anacreonte,
Hoje mettido a hum cantinho;
Sua meza nunca teve
Tão bons Verſos, tão bom Vinho;

Se os teve, Vós o roubaſtes
Por minha felicidade;
Já cá tem o Vinho, e os Verſos
Quem delle ſó tinha a idade;

Das eſcumas do Madeira
Vejo naſcer a alegria;
Com as azas affugenta
A minha melancolia;

Já ſe perturba a cabeça;
Já tenho empreſtadas cores;
Já começão a eſquecer-me
As moleſtias, e os Crédores;

O tal Horacio enganou-ſe;
Não conhecêo a parreira;
Não ſe chamava Falerno;
Se era bom, era Madeira;

He bom, mas tira o juizo;
Mandai-mo, em vez de o beber;
Não ſe arriſque neſte jogo
Quem tem tanto que perder.

CARTA,

Desculpando-se o Author de não ir a huns Annos.

SEnhora, em honra do Dia,
Esforçando a mão pezada,
Tómo a Lyra, ha longo tempo
Ao silencio consagrada;

E em quanto lhe alimpo as cordas,
Que bolôr aos dedos dão,
E atarantadas aranhas
Despejando o bêco vão;

C'os olhos ao ar alçados
A' minha Muza pedia
Mé désse sonóros Versos,
Dignos de Apollo, e do Dia;

Que me enſinaſſe a louvar
O ditozo Naſcimento,
Que ao voſſo brilhante Séxo
Trouxe mais hum ornamento;

Que pintaſſe a loira Venus
Voſſo roſto bafejando;
Que me moſtraſſe as tres Graças
O rico berço embalando;

Que me enſinaſſe a cantar,
Cingida a teſta de loiro,
Huns claros, triunfantes olhos,
Huns finos cabellos de oiro;

Que me fizeſſe augurar,
Raſgando ao futuro o véo,
Amor conſagrando as ſettas
Nos Altares de Hymenêo;

Mas as Muzas, como as Ninfas,
Tem para mim os pés mancos;
Fogem de trémulas vozes,
Tremem de cabellos brancos;

Fiquei, pois, desamparado;
E merecendo desculpa,
De não vos mandar bons Versos,
Peço perdão, sem ter culpa;

Sei que devia ir pedillo
Respeitozo, e diligente;
Mas impede-me essa honra
Hum defluxo impertinente;

E quem em caza traz botas,
E vinte xaropes bebe;
E quando sahe, sahe mettido
N'uma loge de Algebebe;

Se fosse em tempo invernozo
Entrar na illustre Assembléa
Com leve, ingleza cazaca,
Fina, transparente mêa;

Sem acabar cumprimentos,
Logo o corpo arripiado,
Gelada a voz sobre os beiços,
Cahiria constipado;

E o Marcos largando os bules,
Pondo o Velho em quentes pannos,
Entre os applauzos dos vossos,
Praguejaria os meus annos;

Vossa bondade não quer
Pôr o Cortezão em risco,
De ir com Habito de Christo,
E vir no de S. Francisco;

Acceitai dahi meus votos;
Daqui a mão vos beijei;
E dos doces que não como,
Domingo me vingarei;

Darei eſcumantes copos
Ao perum, e aos môlhos ſeus;
Brindarei os voſſos Annos,
Tratando mui bem dos meus.

CARTA,

Aconſelhando a hum Cabelleireiro, que não continuaſſe a fazer Verſos.

POis que o talento inquieto
Até em poezia provas,
E queres ás mais deſgraças
Ajuntar deſgraças novas;

Pois, que em galantes cantigas
Teu Rival puzeſte razo,
E coroado de trovas
Vás entrando no Parnazo,

Quero em trovas avizar-te,
Que ha baixîos neſta barra;
Vou ſer Prégador troviſta,
Vou ſer hum novo Bandarra;

A occupação de Poeta
He nobre por natureza;
Mas todo o Officio tem oſſos,
E os deſte são, a pobreza;

Os dentes do bom Camões
Sejão fieis teſtemunhas;
Muitas vezes esfaimados
Não achárão ſenão unhas;

Depois que ſeus frios olhos
Se fechárão no Hoſpital
Logo as Filhas da Memoria
Lhe erguêrão Buſto immortal;

De que ſerve honra tardia?
Bem ſei, que o rifão vem torto;
Mas faz lembrar a cevada,
Que ſe deo ao aſno morto;

Só as Muzas o chorárão;
E o enterro devia ser
Como hoje nos pinta o Lobo
O de João Xavier.

Homéro, o divino Homéro,
Honra de antigas Idades,
Por cujos inuteis ossos
Brigárão sete Cidades;

Doces Versos recitando,
Pela Grecia discorria;
Tinha os Thezouros de Apollo,
E esmola aos homens pedia;

Mas se de Authores antigos
Tens tido pouco exercicio,
Eu te apònto hum bem moderno,
E até do teu mesmo Officio;

Foi eſte o famozo Quita,
A quem triſte fado ordena,
Que a fome lhe traga o pentem,
E da mão lhe tire a penna;

Em quanto na ſuja banca
Pobre tarefa tecia,
Seu eſpirito ſublime
Sobre o Parnazo ſe erguia;

Cozendo ſobre o joelho
Em dura, falſa cáveira,
A ſua alma converſava
Com Bernardes, e Ferreira;

Mil vezes travêſſas Muzas
Da baixa obra o deſvião;
E moſtrando-lhe o tinteiro,
Pós, e banha lhe eſcondião;

Mas de que fervem talentos
A quem nafceo fem ventura?
Vale mais, que cem Sonetos,
A peior penteadura;

Amigo, vamos errados;
Efcolhemos muito mal;
He o fado dos Poetas
Não profeffarem real;

Péga no pardo baralho,
E fobre a cama affentado,
Fifga as bifcas conhecidas
Ao parceiro defcuidado;

Matando boçaes tafûes,
Vai mexendo os papelinhos;
Nem poupes no cadafalfo
As gargantas dos Sobrinhos;

Em lhe vendo huma de ſeis,
Arma-lhe os laços viſcozos;
Antes que lhe caia a xina
Na ceira dos laparozos;

Imita ondados cabellos
Co' rubro lápis na mão;
Eſtas pinturas dão xina,
As da Poezia, não;

Se em roda de loiras Ninfas
Gyrão em torno teus ais,
Em quanto lhe deres Verſos,
Acharás ſempre Veſtais;

Fallo como exprimentado;
Fallo com peito ſincero;
Póde huma vara de fitta,
Mais que a Ilíada de Homéro;

No ſonóro bandolim
Fortuna as armas te deo;
Não ha Dama, que reziſta
A' moda do Melibêo;

Toca-lhe mil contradanças;
Mas ſe não tiverem Dom,
Entre ellas não ſevandiges
O Fidalgo Cotilhom;

Neſtas coizas he que eu creio;
Poezia he mal fadada;
Aſſenta, amigo Luiz,
Que nunca ſervio de nada;

Poucas Damas a conhecem;
Se a pedem, e ſe a feſtejão,
Goſtão do que não entendem,
Pedem o que não dezejão;

In-

Inda que por moda querem,
Que lhes repitão Verſinhos,
Tem por modas de mais goſto
Convulsões, e Jozézinhos;

Huma Venus me pedio,
Por quem inda eu hoje peno,
Que lhe fizeſſe hum Soneto,
Inda que foſſe pequeno;

Dinheiro, invicto dinheiro,
Só em ti he que eu me fundo;
Tens o Direito da força,
És o Tyranno do Mundo;

Amigo, eſcolhe hum Paralta,
Corpo esbelto, perna teza,
O chapeo tocando as nuvens,
As fivellas á Malteza;

Ornem-lhe loiros canudos,
Pendentes com igualdade,
Tenras faces, onde morão
A Saûde, e a Mocidade;

Chegue á bocca rubicunda
Cheirozo lenço anilado;
Dê bilhetinho difcreto,
De huma Novela furtado;

Põe da outra parte hum Ginja,
Fivella de oiro no pé,
Bom veftido de lemifte,
Boa meia grudifé;

Com óculos no nariz,
Mas com a penna na mão,
Aflignando vinte letras
Para Londres, e Amfterdão;

E dize-me, qual aſſentas,
Que ſerá o mais querido?
Apóſto, que as Damas todas
Cuidão que o Velho he Cupido?

Amigo, tenho acabado
O meu comprido Sermão;
Préguei-te as altas verdades,
Que trago no coração;

Abre mão das Poezias,
Que nenhum preſtimo tem;
E cuida em ſólidos meios
De ganhar algum vintem;

Se dizes, que contra os Verſos,
Em Verſo huma Carta ordeno,
E que aqui me contradigo,
Praticando o que condemno;

A teu forçozo argumento
Reſpondo com Fr. Thomaz;
Faze o que o Prégador diz,
Não faças o que elle faz.

CAR-

CARTA,

Pedindo-se ao Author huma Gloza.

MEnino, dizer finezas,
Só o proprio Pertendente;
Amor não póde imitar-se,
Só o pinta quem o sente;

Se adora alguma Nerina,
Se he para ella a tal Gloza,
Que vão fazer os meus Versos,
Onde está a sua proza?

Além disso, essa figura,
Faces tenras, e córadas,
Fallão mais discretamente,
Que mil Cantigas glozadas;

Lenço nas pontas bordado,
Cipó, tízicas fivellas,
Sobre hum corpo assim talhado,
Se eu gósto, que farão ellas?

Versos são mui fracas armas
Para vencer corações;
He clara a letra redonda,
Leia a vida de Camões;

Sua divina Poezia
Teve mui curtos poderes;
Tratarão-no mal os homens,
E inda peior as mulheres;

Pois entra de amor na estrada,
Siga nella outro farol;
Embuce-se a huma esquina,
Soffra chuva, soffra Sol;

Erga alli o Altar do Amor;
Queime alli humilde incenſo;
Suba ao alto do capote
Branco, alcoviteiro lenſo;

Que importa que os Çapateiros
Dem aſſobio inſultante,
Se os negocios vão marchando
Com paſſadas de Gigante?

Cem vezes na meſma tarde
Pize esbelto a feliz rua;
Alheias cadeias de aço,
Relogio de hollanda crua;

Vá por aqui, que por Verſos
Dá em vão loucas paſſadas;
São divertimento inutil,
São as hiſtorias das Fadas;

Inda que para cantallos
Lhe déſſe Garção a Lyra,
Como hão de crer-lhe verdades
Na linguagem da mentira?

Seja acérrimo chorão;
Pranto entendem raparigas;
Faça em lagrimas ſeu fundo,
E não o faça em Cantigas;

Palêe co' eſtes remedios,
Pois não tem o verdadeiro;
He elle (aqui em ſegredo)
O milagrozo dinheiro;

Mas ſe teima em pedir Verſos,
E conſelhos não ſupporta,
Então perdôe, meu Menino,
Póde bater a outra porta.

CARTA,

Agradecendo alguns pratos, que deſpertárão a vontade de comer.

SEnhor, a dada Perdiz,
Acerejada, e freſquinha,
Veio emendar os eſtragos
Da enjoativa gallinha;

Eſta ave he ſempre odioza
A melancólicos dentes;
Faz lembrar ultimos caldos
De já perdidos doentes;

He, além diſto, hum cruzado
Fugido do mialheiro;
Eſte meu mortal faſtio
Cuſtou rios de dinheiro;

Mas

Mas da voſſa lauta meza
Bocados medicinais
Forão tão bem applicados,
Que me curárão de mais;

Venceo voſſo cozinheiro
O tal faſtio cruel;
Meu eſtomago já pede
Meças com Fr. Manoel;

Mas, Senhor, voſſa piedade
Vai ſer-vos hum dom fatal;
Quizeſtes fazer hum bem,
Que redunda em voſſo mal;

Fizeſtes naſcer a fome,
E a fome pede mantença;
Se a deixais entregue a mim,
Póde morrer á naſcença;

A voſſa filha amparai;
Não he de peitos honrados
Pôr as ſuas Creaturas
Na Róda dos Engeitados.

Em ſoando as duas horas,
Sabei que eſta cara minha
Tem longos, ávidos olhos,
Fitos na voſſa Cozinha;

Eu não vou, porque inda fraco,
Indo arroſtar ar delgado,
Antes de matar a fome,
Morreria conſtipado.

CARTA

Sobre o meſmo Aſſumpto.

SEnhor, aſſim que eu largar
A baetal fatiota minha,
Vou beijar as pias lágeas
Da voſſa farta Cozinha;

Não foi attento Heſpanhol, *
Receitando amarga quina,
Quem venceo meu mal co' as armas
Da fallivel Medicina;

Vós ſabeis traçar receitas
Mais gratas, e mais felizes:
Curárão-me oppoſtos males
Bem applicadas Perdizes;

Hu-

* Medico.

Humas o appetite abrírão,
Outras ſocêgo lhe dão;
Sarárão as duas chagas
Co' pêllo do meſmo cão:

Dizem linguas inimigas,
Que eſta doença he ficticia;
E os Práticos do meu pulſo
A capitúlão malicia.

Que em meu capote abafadas
Eſtas goellas felizes,
Em vez de cozerem lynfas,
Eſtão armando ás Perdizes;

Senhor, não devo atalhar
Eſte conjurado aſſédio;
Porque era, provar doença,
Ingratidão ao remedio;

Só digo, que não ganhais,
Dando ouvido ás vozes ſuas;
Aqui dais-me huma Perdiz,
E ſe lá vou, tiro duas.

CARTA.

Bom Sobral, o que eu te disse
He, a meu pezar, verdade;
Sonóros, amenos versos,
São obra da Mocidade;

Mandaste que em Crescentini,
Louvando a doce harmonia,
O que o Mundo diz em proza,
Eu lho enfeitasse em Poezia;

Que invocando as brandas Muzas,
Encostada ao peito a Lyra;
Cante os ternos sentimentos,
Que elle nas almas inspira;

Môço Sobral, tu ignoras
Da inerte velhice os damnos;
Neſta fria teſta brigão,
Co' teu preceito, os meus annos:

Que importa, que a huma orelha
A tua vóz reſpeitada
Me mande afinar a Lyra
Ha dez annos pendurada,

Se á outra me diz Apollo,
Que eu ſou já dos reformados;
Que em ſeu Tribunal não tornão
A ſervir Apozentados?

Longa idade, he longo mal;
Velho, ſó lhe bom o Amigo;
O teu meſmo Creſcentini
Ha de provar o que eu digo:

Eſte homem, que a ſeu arbitrio
Move as humanas paixões;
Que traz na ſua voz o ſceptro
Dos ſenſiveis corações;

Que nos deixa duvidozos
Quaes forças maiores são,
Se os encantos da harmonia,
Ou ſe a viveza da acção;

Que em mim, que ſou homem duro,
E rebelde ás Leis primeiras;
Que não chóro nos mais homens
As deſgraças verdadeiras;

Que, inſenſivel, vi no Circo
Burleſco Neto arraſtado
Deixar co' a rôta cabeça
O terreno enſanguentado;

Que vejo com olhos ſeccos,
Com firme ſemblante inteiro,
Fugir-me n'um parolim
O meu ultimo dinheiro;

Que em mim, digo, arranca pranto;
Que amolga hum peito de ſeixo;
Que muita vez co' chapeo
Encubro o trêmulo queixo;

Que quando dos tenros Filhos
Chorava o triſte deſtino,
Tinha eſte peito de bronze
O coração de Sabino;

Eſte homem, que ſolto o panno,
Vivas vem á força ouvir;
Se cantar de hoje a déz luſtros,
Em vez de chorar, faz rir;

Sobre os levantados áres
A envergonhada Harmonia,
Batendo apreſſadas azas,
Do ſeu Filho fugiria;

E o Jeronymo eſtendido *
Co' as pernas nos tamboretes,
Cabeceára entre as rimas
Dos ociozos bilhetes;

E cuidavas tu, que a foice
Que a taes dons ha de pôr fim,
Que ha de ferir Creſcentini,
Me tinha poupado a mim?

Se eu hoje foſſe aos Oiteiros,
Onde já tive elogios,
Dir-me-hião crueis verdades
Mil ſinceros aſſobios;

Eſ-

* O Vendedor dos bilhetes.

Eſte Genio dos Poetas
He fugitivo, e meſquinho;
A' primeira cam dos deixa
Na ametade do caminho;

Não he irmão do teu Genio,
Eſſe eſtende mão ſegura;
Acompanha os ſeus Valídos
A' borda da ſepultura;

Fará que ſempre as deſgraças
Em triſtes peitos emendes;
Que ſigas ſempre os exemplos,
Que dentro de caza aprendes;

Laſtíma, pois, minhas rugas,
Que até me cauzão o mal
De faltar ao teu preceito,
E a louvar hum homem tal;

Mas vaſto, cheio Theatro,
Que elle encalma em tempo frio,
Falla melhor, que dez Odes,
He mais util elogio;

E nelle eſtas velhas mãos
Co' as forças que naſcem d'alma,
Darão, em lugar de Verſos,
Muito pinto *, e muito palma.

CAR-

* Cruzado novo.

CARTA

A huma Senhora, que em bons Versos pedio ao A. a Sátyra do Velho.

SEnhora, o Quadro pedido
Não estava retocado,
Mas brevemente o remetto,
Deixai isso ao meu cuidado;

Mostra os erros da velhice;
Põe alguns Velhos á raza;
Custou-me pouco a pintura,
Por ter as tintas de caza;

Que já hum Amigo o vio,
Eu, Senhora, vos confesso,
Porém mostrei-lho inda em calva
Como eu tambem lhe appareço;

Vós ſois de mais ceremonia,
E pezais com mais rigor;
Temi, que ſem rir c'os Verſos,
Só vos viſſem rir do Author;

Tómo outra vez o pincel,
Vou-lhe pôr attenta mão;
Abençoarei meu trabalho,
Se lhe derdes protecção;

Pois que a deve o ſangue illuſtre,
Tem dois direitos meu cazo;
Porque a peço a huma Fidalga,
Que o he tambem no Parnazo;

De tão alto voto eſpero,
Que geral favor me traga
A huns Verſos, que antes de lidos
Tiverão tamanha paga.

Ao favor de mos pedirdes,
Honra, que eu não merecia,
Ajuntaſtes o thezoiro
De mos pedir em Poezia;

Que fáceis, que amenos Verſos!
Trazem das Muzas o bafo;
A moral os faz ſer voſſos,
Que quanto ao mais são de Sapho;

Só na pintura dos annos
Errou eſſa meſtra mão;
Porque inda que era em Poezia,
Foi puchar muito a ficção;

A doce, igual harmonia,
A imaginação fogoza,
Depuzerão contra vós,
E vos chamão mentiroza.

Se occulto, fyzico acazo
Branqueou huns fios de oiro,
Voſſo vingador Apollo
Os cobre de mirto, e loiro:

Quem marcha ao lado das Graças,
Não ſabe o que he fria idade;
Deixai-me dizer a mim
Eſſa funeſta verdade;

He em mim que o voraz Tempo
Já empolgou a mão forte;
Se inda me mêcho em Poezia,
He já co' a anſia da morte;

Cedo raivozos Crédores,
A quem não curei as chagas,
Darão a meus frios oſſos,
Em lugar de pranto, pragas;

E outros, a que a carapuça
Meſmo, ſem mira, não erra,
Dirão com goſto ao Coveiro
= Enche-lhe a boca de terra. =

Mas tudo perdoaráõ
Minhas ſepultadas cans,
Se de cypreſte as cobrirdes
Vós, e as voſſas oito Irmans.

CAR-

CARTA.

A Ti, amavel Bandeira,
Partidiſta da Verdade,
E de quem tenho mil provas,
Que o és tambem da Amizade:

Que são Filozofo vives,
E o meſmo morrer proteſtas,
A' excepção de me dares
Bilhete de boas feſtas:

Tolentino firme amigo
Inda quándo o Mundo caia,
E a quem obrigas a ſêllo
Deſde a rua da Atalaia, *

* Onde tinhão morado havia muitos annos.

Dezeja pura alegria,
Saûde, e muito vintem;
Dezeja-te tudo aquillo,
Que elle quaſi nunca tem;

Pois, que chuva, e negros ventos
Me fechão a porta, e o dia,
E em caza apontão cuidados,
Redobrada bateria;

Pois que a horrivel ſolidão
Aviva a idéa cruel
Da gaveta, vão ſepulchro
Do agonizante quartel.

E a engenhoza Hypocondria
Me mette no antigo empenho
De jurar, que eſtou morrendo
Das moleſtias, que não tenho,

Vou ver ſe poſſo eſquivar-me
A tanto mortal immigo,
Acolhendo-me ás lembranças
Do noſſo bom tempo antigo;

Tem a ſôlta fantazia
Farto, milagrozo armario;
Cura-me penas reaes
Com prazer imaginario;

O noſſo bom tempo antigo!
Quando alçando a tôrva fronte
Jantava Quintiliano
A' meza de Anacreonte;

Quando nos brilhantes copos
Do caſto, herdado Gorizos, *
Hião mergulhar as azas
Os Prazeres com os Rizos;

* Nome de huma Quinta do Amigo, a quem o A. eſcreve, a qual produz bom vinho.

Quando em renhidas diſputas
Mettias traidora mão,
Sendo o motivo da guerra
Solapada mangação.

E ſem haver lindos olhos,
Sem haver ondadas tranças,
Doidos com doidos tecião
Turbulentas contradanças.

Quando o aſſuſtado Miniſtro,
Que as margens do Doiro trilha,
Pôde ſalvar da procella
A ſua eſtimavel bilha.

Clama em vão por tão bom tempo
Minha diſcreta ſaudade;
Doce, fugitivo tempo,
Da noſſa doirada idade!

Ante meus olhos ſaudozos
Cruas azas deſpregou ;
E em cambio de tantos bens ,
Cans , e rugas me deixou.

Só tu podes , caro Amigo ,
Virar-lhe o vôo apreſſado ;
E fazer que elle me traga
Outra vez o meu reinado :

Não peço bruxos preſtigios ,
Baſta ouvires meu alvitre ,
Põe a rua da Atalaia
Na Calçada do Salitre ; *

Prepara farta vingança
A meus compridos jejuns ;
Lança , em nome da Amizade ,
Mais nozes aos teus peruns ;

Lan-

* O A. jantava muitas vezes na rua da Atalaia em caſa do Amigo , a quem eſcreve , o qual ſe mudou para o Salitre.

Lance fumo a faca tinta
Nas victimas degolladas;
Revôem pelo quintal
As pennas ensanguentadas;

Tornem a dar os teus lares
Guarida á minha desgraça;
Tornem a ter teus amigos
Polido Isidro de graça; *

Vai na franca, lauta meza,
Versos ouvindo, e tecendo;
Entre as Muzas, entre as Graças
Vai, a rir, empobrecendo;

Correntes do Doiro, e Rheno
Escaldem meu Estro fraco;
Abrão-me o Templo de Apóllo
Atrevidas mãos de Baco;

Sol-

* Caza de Pasto.

Sólte o rozado Taful
A falſa eloquencia ſua ;
E marche pelas Sciencias
Como marcha pela rua ; *

He alma das Companhias ,
Alegres-mezas governa ;
Depois de eſtar aſſentado ,
Não conheço melhor perna ;

Tomando amolada faca
Teu ſizudo Capitão ,
Nos demonſtre , ſobre hum lombo ,
A guerra do Roſſilhão ;

Aliza aſſim , caro Amigo ,
Meu velho , engelhado coiro ;
Manda ás Parcas , que o meu fio ,
Já que he curto , ſeja de oiro.

Dá

* Coxeava.

Dá brando ouvido à meus rogos;
Teu bom peito em bem os tome;
Não te falla vil lizonja,
Falla-te a Amizade, e a fome:

E tu, dia tormentozo,
Que abalas velhas trapeiras,
Que o telhado me arripias,
Que me enſopas as eſteiras;

Que em meus reumaticos oſſos
Aſſentas pezado açoite;
E ſobre medonhas nuvens,
Me mandas de tarde a noite;

Serás o dia mais alvo,
Que em meus largos annos levo,
Se for acceita eſta Carta,
Que á tua má luz eſcrevo;

Cha-

Chamarei Zéfiros brandos
A teus roucos ventos frios,
Se hoje rezolve o Bandeira
Dar de comer à vádios.

CAR-

CARTA

A hum Camarista.

N'Uma infeliz madrugada,
Antes que o Sol esclareça,
Mettido em pobre caleça,
Puz peito, Senhor, á estrada:
Sahi em hora mingoada,
Pois negra traição me espera;
Homens, com genios de féra,
Me atacárão sem motivo;
Por milagre fiquei vivo,
E devo pezar-me a cêra.

Vi revoltozos Carreiros
Com duro aguilhão armados;
Vi nuvens de páos alçados
Pelos cumes dos oiteiros:
Roldão, e o bravo Oliveiros,
Que alta pena Heróes declara,
Talvez voltassem a cara,
Que a tantos tremer fazia,
Se nos campos da Turquia
Vissem Carreiros da Enxara.

Vi os Campos inundados
De gentes vagas, e incertas;
Vi as estradas cobertas
De cacheiras, e cajados:
Não valem rogos, nem brados,
Não valem ligeiras pernas;
A raiva, e o Deos das Tavernas
Accendêo tanto os Campinos,
Que cuidei que os meus Meninos
Terião férias eternas. *

Em

* O A. era Professor de Rhetorica, e pertendia passar para outro emprego.

Em quanto no duro chão
Meu Companheiro arquejava,
Eu muito humilde esperava
Tambem a minha ração;
Bem me lembrou que esta acção
Deslustrava a minha gloria;
Mas não pertende vitoria,
Nem sabe mover espada
Mão, ha annos, costumada
A dar só com palmatoria.

Entre mortaes agonias,
Da bruta gente escapando,
Me fui na sege encaixando,
Maldizendo as romarias;
Praguejei meus negros dias,
Dias de pranto, e de dor;
Conheci então, Senhor,
Que só me dão meus destinos,
Ou Carreiros, ou Meninos,
Que Deos sabe o que he peior.

Mas a perda da vitoria
Sirva de abrandar meus fados;
Dem-vos motivo os Cajados
De fallar na Palmatoria;
Saiba o Principe esta historia;
Contai-lha com viva côr;
Fazei com que, em meu favor,
Sentindo affectos diversos,
Lhe motivem rizo os Versos,
E lhe faça dó, o Author.

CAR-

CARTA

A hum Camarista, tendo o A. sido despachado.

A Rara benignidade,
Que quiz o Ceo conceder-vos,
Permitta que de escrever-vos,
Tome eu hoje a liberdade;
Pois tendes tanta bondade,
Peço, nella confiado,
Que por mim ajoelhado,
E na bocca o coração,
Beijeis ao Principe a mão,
E lhe deis este recado.

Di-

= Dizei, pois, a Sua Alteza,
Que eu, ſeu humilde Afilhado,
Por elle ha pouco arrancado
D'entre os braços da pobreza,
Na ſimples, mas farta meza,
Entre os Irmãos, e os Parentes,
Aos Ceos, com votos ardentes,
Pedimos, que em paga juſta,
Proſperem a Mão Auguſta,
Que nos faz viver contentes:

E ſe entre as puras verdades,
Que Vós lhe podeis contar,
Virdes, que terão lugar
Algumas jovialidades,
Pintai-lhe as felicidades,
Que vai tendo a gente minha;
Dizei-lhe que na Cozinha
Ardem já montões de brazas;
Que em todas as minhas cazas,
Era a mais freſca, que eu tinha;

Que os enroupados Sobrinhos,
Affrontando o vento frio,
Vem todos moſtrar ao Tio
Os ſeus novos jozéſinhos;
Que então lhes conto, e aos vizinhos,
Por quem a roupa foi dada;
Que Mão, nunca aſſás louvada,
Mão Real, piedoza, e juſta,
Me poz livre a Rua Auguſta, *
Por varios crimes vedada;

Que hum Tendeiro, que os ſeus bens
Me fiava, dando arrancos,
Veio em barrete, e támancos
Dar-me logo os parabens;
Eſpera que os meus vintens
O fação tambem feliz;
Porque, ſegundo elle diz,
Ha de haver na ſua Tenda
Mais ſahida na fazenda,
E menos gaſto no giz. **

Mas

* Aonde ſe vende panno.

** Coſtumão marcar com giz o que dão fiado.

Mas eu hum crime cometto,
Quando de enſinar-vos trato;
Quiz ſer ao Principe grato,
Mas fui comvoſco indiſcreto;
Homem, como Vós, diſcreto
Não preciza formulario;
A Egoa do Seminario *
Me deve os rompões cravar,
Por eu querer enſinar
O Padre noſſo ao Vigario.

* Tinha alluzão particular.

A' Illustrissima, e Excellentissima Senhora D. Catharina Micaella de Souza, tendo feito a honra ao A. de lhe offerecer huma Vestia de Setim; e pedindo-lhe este que lembrasse o Requerimento, em que seu Irmão pertendia o Governo de hum Forte.

MInha respeitoza mão
De seus limites não sai;
A escritura, que aqui vai,
Não he carta, he Petição;
Até ante os Thronos vão
Vozes em papel incluzas;
As minhas não vão confuzas;
São memorial mui claro;
Sou Poeta, dai-me amparo,
He obrigação das Muzas.

Não peço hoje para mim;
Bem cuberto anda meu peito;
Inda beijo, inda reſpeito
Huma Veſtia de Setim.
Triſte Irmão tem já no fim
Farda rôta, e chamuſcada;
Tem má côr, e he mal fadada;
Quer que a mão piedoza, e franca,
Que a mim me deo Veſtia branca,
Lhe dê Cazaca encarnada.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja.

EM ſege eſtreita entaipados,
Sol á ilharga, Sol por cima,
Vinha eu, e o Padre Lima
Cheios de pó, e encalmados.
Eis-que na eſtrada atacados,

Párão as mulas baratas;
Cuidei eu que erão Piratas,
Que tirão vida, e dinheiro,
Fui ver se era o Clavineiro,
E achei duas Açafatas.

Trazião a arma mais dura,
Que nos peitos se tem posto,
Trazião ambas no rosto
O respeito, e a formozura.
Querem sege mais segura,
Porque a sua está quebrada;
E em quanto o Padre na estrada
Lhe diz palavras pompozas,
As minhas mãos respeitozas
Lhe affoufavão a almofada.

Trabalho infeliz fizerão,
Porque meus Fados são tais,
Que acceitando tudo o mais,
A almofada não quizerão. *
Debaixo dos pés puzerão

Mi-

* Por cauza dos toucados altos.

Minha obra deſprezada
Senhor, não fazemos nada,
Tomar vãos trabalhos oizas,
Tem todas as minhas coizas
O deſtino da almofada.

No dia dos annos do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja, em cuja caza o Author jantou.

SEnhor, talvez neſte dia
Já cantei Verſos polidos;
Porém em tectos cahidos
Não mora o Deos da Poezia.
Voou; e da teſta fria
Me tirou o verde loiro,
E das mãos a Lyra de oiro;
Tudo em fim ſe foi co' a bréca;
Mas ſe a Aganippe ſe ſéca,
Não ſe ha de ſecar o Doiro.

Em-

Embora no velho caco
Murche o canſado miôlo;
Se os loiros lhe tira Apollo,
Com parras o adorna Baccho;
Põe mira meu peito fraco
Nos voſſos puros almudes;
E em honra de mil virtudes,
De mil talentos diverſos,
Em vez de fazer dois Verſos,
Farei duas mil ſaûdes.

Sahindo por ſortes Compadre de huma Senhora da primeira Grandeza.

DEvo pouco á Natureza,
E muito a hum brinco innocente;
Porque elle me faz parente
Da mais diſtincta Nobreza.
Embora eſquiva riqueza
Pretas ſortes me não mande;
Que importa que ha annos ande
Sempre a perder nas menores,
Se nas dos premios maiores
Me ſahio o premio grande.

Fazendo annos o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja, Tenente General, na occazião em que ſahíra Provedor da Mizericordia.

QUe fazem Verſos canſados,
Applaudindo os voſſos Annos,
Se dos noſſos Soberanos
São melhor elogiados?
Se os trazem ſempre empregados
Em ſervir a Monarquia,
Se a Real Secretaria
Eſcreve em voſſo favor,
Taes prozas louvão melhor,
Do que a melhor Poezia.

Da voſſa dexteridade
Fião coizas encontradas;
Dão-vos as duas eſtradas,
A do Sangue, e da Piedade.
Vivei pois comprida idade

Sem-

Sempre entre Povos amigos;
Mas ſe creſcerem perigos,
Creſceráõ as acções nobres;
E a mão que defende os Pobres,
Cortará os Inimigos.

No dia dos annos do meſmo Senhor.

A Minha Muza canſada,
Perdendo os vôos ligeiros,
E ao pé de murchos loireiros
Com razão apozentada;
Hoje, Senhor, animada
Do amor, e da gratidão,
Eſquecendo a multidão
De frios cabellos brancos,
Vem, forcejando os pés mancos,
Metter-me a Lyra na mão.

Gra-

Gratidão ſeus paſſos rege;
Quer que em limada Poezia
Venha louvar neſte dia
Quem em todos me protege;
Nas cordas de oiro, que elege,
Quer, que invocando as Camenas,
Eu cante as horas ſerenas
Em que o Ceo piedozo, e juſto
Para o lado de hum Auguſto
Me fez naſcer hum Mecenas.

Eu reſpondi, que a harmonia
Me fugio co' a mocidade;
E que a ſólida verdade
Não depende da Poezia;
Que em proza ſempre ſeguia
Seu acertado conſelho;
E que em fim Poeta velho
Por teima querer rimar,
He o meſmo que ir dançar
O voſſo ginja, Botelho. *

Ao

* Creado muito velho, tentado com minuetes.

Ao mesmo Senhor em outro dia de annos.

SEnhor, co'as minhas Poezias
Festejava os annos teus;
Porém mandão já os meus,
Que eu venha co'as mãos vazias;
Geladas madeixas frias
Fechão do Parnazo o passo;
Pois que já o Tempo escaço
Esfriar meus Versos quiz,
Quem me acceitou os que fiz,
Me agradeça os que não faço.

Mas he da tua Grandeza,
E a tal dia acção adquada,
Inda que não trago nada,
Não perder a Caza, e a meza;
Por culpas da Natureza
Não perca os meus ordenados;
Cubrão teus tectos doirados
Inutil, mudo Jarrêta;
Não o merece o Poeta,
Mas he costume aos Creados.

Ao mesmo Senhor em outro dia de annos.

NEste venturozo Dia,
Honrado, e honrador Marquez,
Sempre eu vim a vossos pés
Trazer a offerta em Poezia;
Ante Vós a Lyra erguia
Humilde, alegre, e casquilho;
Mas hoje mudando o trilho,
A bem, Senhor, me levai,
Que sendo os annos do Pai,
Dê a Colgadura ao Filho.

Moço Illustre, eu dou conselhos,
Filhos de amor, e verdade;
Permittida liberdade
Aos fieis Creados velhos;
Ouvi: Bons Pais são espelhos;
Dão doutrinas sem enganos;
E eu rogo aos Ceos Soberanos,
Que ao vosso ouvindo as lições,
Sejão as vossas acções
O elogio dos seus Annos.

Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marquez de Marialva, com quem se tinha encontrado o A. na Caza em que estava o Embaixador de Marrocos.

NA Quinta da Praia clama,
Que lhe tireis a Cadeira
Hum triste, que quarta feira
Comvosco esteve em Moirama:
Se a Estrella, que a Vós o chama,
Não lhe abranda os seus destinos,
Torna para os Marroquinos;
Porque, agoiros por agoiros,
Antes cativo de Moiros,
Do que Mestre de Meninos.

No dia dos Annos de hum Menino.

DE plumachos emplumado,
Manſo, alegre Cavallinho,
Ou torneado carrinho
D'alvos Carneiros puchado,
Devião marchar ao lado
Deſte papel que remetto;
Mas moſtrando o meu affecto
Como póde o meu deſtino,
Em obzequio de hum Menino,
Vou dar aos outros Suéto.

Na deſpedida de hum Miniſtro, que partia levando ſeus Filhos.

A Lei da pura amizade
Minhas lagrimas condemna;
Quer que ceda a minha pena
A' tua felicidade;
Vai; e em quanto a vil maldade,

E a intrigante cubiça,
A baixa inveja, a injuſtiça
Pézas na recta balança,
Conſerva de mim lembrança,
Que he tambem fazer juſtiça.

E vós, lindos Innocentes,
Que neſſas tenras idades
Já ſabeis mover ſaudades
Nos amigos, nos parentes,
Quando lhe virdes pendentes
As balanças da razão,
Ide internecello então
Com rizos, com géſtos novos;
Lembrai-lhe, que aquelles Povos,
Como vós, ſeus filhos são.

A hum Fidalgo, que pedia para o Author hum lugar na Secretaria, na occazião em que elle pertendia o ſeu proprio Deſpacho.

SE vemos rir quem chorava,
E tantos exemplos temos,
Senhor, não deſeſperemos,
Deos ainda eſtá onde eſtava:
Agua branda as pedras cava;
Em tudo o tempo he precizo;
Saber teimar com juizo
Tem mil montes aplanado;
Talvez ſejais deſpachado,
E talvez que eu lavre o Avizo.

Ah

Ah Senhor, com que alvoroço,
Na liza banca forrada,
Eu de cazaca encarnada,
E fitta preta ao peſcoço,
Lançára o deſpacho voſſo,
Que tanto tempo eſqueceo!
Que grande favor do Ceo,
Se o meu primeiro exercicio
Foſſe ſervir-me do Officio
A favor de quem mo deo!

A respeito de hum Padre, que dizia ter sido Mestre de Rhetorica; que tomava triaga contra o veneno que ainda lhe havião de dar; que dizia que estava eleito Cardeal; e que era demaziadamente trigueiro, se deo este

M O T E.

Não tem côr de Cardeal.

NÃo ajuda ao Padre a cara;
Revolvo antigos Annaes,
E vejo que os Cardeaes
Tinhão a pelle mais clara;
Será maravilha rara
Achar hum de côr igual;
Forão brancos como a cal
Mazarino, e Alberoni;
E a não ser este o Negroni,
Não tem côr de Cardeal.

Respondeo em Decimas, ás quaes se fizerão as seguintes:

QUe venhão fuscos garraios
Metter em Versos a mão!
Potente Jove, aonde estão
Os teus vingadores raios?
Hum homem de coiros baios
Segue as Muzas tuas filhas;
Tu, pois, que os vaidozos trilhas,
Faze que este, em todo o cazo,
Saia logo do Parnazo,
E passe para Cassilhas.

Se em rhetorico exercicio
Já soubeste regras dar,
Tambem eu posso fallar,
Porque sou do mesmo officio;
Que o teu cérebro tem vicio,
He verdade assás notoria;
Na Poezia, e na Oratoria
Vaz em total decadencia;
Collega, tem paciencia,
Has de vir á palmatoria.

No teu eſcuro Papel,
Aos bons ouvidos ingrato;
Achei hum vivo retrato
Da confuzão de Babel;
A' patria lingua infiel
Ès da Nação o deſdoiro;
Bem ſei que te chego ao coiro;
Mas não merece paſſagem,
Que a batina, e a linguagem
Ajuntem Clerigo, e Moiro.

A quem me queria arguir,
Moſtro, Padre, o tal Papel;
He teſtemunha fiel,
Não me deixará mentir;
Em novos termos urdir
Mettes a todos n'um canto;
Que uzas palavras de encanto
Aſſentão gentes maxuchas,
Boas para ajuntar bruchas,
Ou para tirar quebranto;

Deixei-me, pois, de criterio,
E tomei melhor caminho;
Meu amigo, a hum louquinho
He loucura fallar ſerio;
Chova, pois, o vituperio
Sobre eſſe toſtado coiro;
Saia o tal Cardeal Moiro,
Que o Capinha, alvoroçado,
Vai, por ordem do Senado,
Metter garrochas no toiro.

Fulla eſcrava Americana
Já mandava á luz do dia
Hum Crioilo, que ſeria
Nódoa da Curia Romana;
Carregado de banana,
Porque no caminho coma,
O rumo da Europa toma;
E em terra, marchando á pata,
Com ſacco, e folha de lata,
Deo a ſua entrada em Roma.

Aſſim meſmo eſtropeado,
E envolvido em groſſo panno,
Foi entre o Povo Romano
Com mil reſpeitos tratado;
Do vento, e do Sol queimado,
Semblante quebrado, e afflito,
Tem tal dom na cara eſcrito,
Que gritavão de redor,
Huns, que he o Rei Belxior,
Outros, que he S. Benedito.

Tomou a Benção Papal;
E teve tanto poder,
Que ſem o Papa o ſaber,
Ficou feito Cardeal;
Voltou para Portugal
Já Cardeal Protector;
Achou cá pouco favor;
E zombão-lhe do Capello,
Por ter mui creſpo o cabello,
E ſer muito baſſa a côr.

Erra o Vulgo os paſſos ſeus;
He hum cego, e maldizente;
A côr he méro accidente,
Todos são filhos de Deos.
Porém para os lucros teus
O Capello te faz mal;
No S. João, e Natal
Terias gôrda guedelha,
Armado de faca velha,
Pincel, e pote de cal.

Padre, vai-te o mundo ao pêllo;
E c'o a lingua maldizente
Te vai cortando igualmente
As Poezias, e o Capello;
Porém eu, que ſou ſingelo,
E meus contrarios ameigo,
Te affirmo, piedozo, e meigo,
Que ſe não tens, por teu mal,
Em Roma o de Cardeal,
Tens no Parnazo o de Leigo.

De-

Deves voltar outrá vez,
E dizem que niſſo fallas;
Mas pégão-ſe pelas ſallas
Teus molles, tardîos pés.
Se ajuda de cuſto vês, *
Fazes-te côxo, e ronceiro;
Meu Padre, és muito matreiro,
Já todos eſtão de acôrdo;
E ſem te verem a bórdo,
Não pões a mão no dinheiro.

Tua ſaude ſe eſtraga,
Mas teu Medico condemno;
Meu amigo, o teu veneno
Não ſe cura com triaga;
Para a tua antiga chaga
Medicina impropria he eſta;
Muda, pois vês que não preſta;
Grita c' os olhos em braza,
Que te fechem n'uma caza,
E que te ſangrem na teſta.

Sei

* Pedia huma ajuda de cuſto.

De balde em Lisboa gritas,
Atteſtando a Italia inteira,
Que regeſte huma Cadeira
Nos Clauſtros dos Jezuitas;
As obras que vejo eſcritas
Provão que nos tens mentido;
Até das Ordens duvido,
Quando as tem cabeças tontas;
Tu, cá pelas minhas contas,
Ès hum mulato fugido.

Foge outra vez, ſe tal és,
Qual foge apupado mono;
Antes que venha teu dono,
E te ponha nas Galés;
Antes que enfeite teus pés
Legal, ſonóro fuzil;
Não veja o patrio Brazil,
Que os hombros do filho bello,
Vindo buſcar hum Capello,
Só achárão hum barril.

Dizem todos, que és fingido,
Que ninguem louco te chame;
Por mais que eu lhe jure, e clame,
Que és meſmo doido varrido;
Dizem que eſtás conhecido,
E que o fazes por eſtudo;
Em tal cazo prompto acudo,
E de outro lado te ataco;
Se não és doido, és velhaco,
E talvez que ſejas tudo.

Mas já quem póde me ordena,
Que armas ponhamos em terra;
Apôs ſanguinoza guerra,
Alce a frente a Paz ſerena;
Sobre eſſa pelle morena
Em paz teu Capello ajuſta;
Aſſento que he coiza juſta
Seguires methodo novo,
E não dares goſto ao Povo,
Que quer rir á tua cuſta.

Não te finge falſo agrado
Meu ſemblante contrafeito;
Não encobre honrado peito
Coração refalſeado;
Se me julgas disfarçado,
Alta injuſtiça me fazes;
Eu te juro eternas pazes;
E ſe falto aos votos meus,
Ah Padre, permitta Deos
Que eu ſempre enſine rapazes.

E tu, que ſem eſtes ſuſtos
Vives cheio de alegrias,
Serenos, doirados dias,
Aos pés de teus Reis Auguſtos;
Tu, que por titulos juſtos
Te chamas o novo Horacio,
Quando entrares em Palacio
Conſerva de mim lembranças,
Porque tenho as eſperanças
Poſtas em ti, e no *Eſtacio.* *

MO-

* Bobo célebre.

MOTE.

Hum ſuſpiro de repente,
Hum certo mudar de côr,
São evidentes ſinaes
De que o peito occulta amor.

GLOZA.

DEbalde as penas, e os goſtos
Disfarçais, loucos Amantes,
Se os attentos circumſtantes
Tem em vós os olhos poſtos;
De que ſervem falſos roſtos,
Se o coração deſmente?
N'um inſtante infelizmente
Sahe perdido o longo eſtudo,
Pois vem deſtruir-vos tudo
Hum ſuſpiro de repente.

Nada faz cautella, ou medo
N' alma que devéras ama;
Esta turbulenta chamma
Não sabe arder em segredo;
Sobe ao rosto, ou tarde, ou sedo,
Do escondido fogo o ardor;
Basta a declarar a dor,
Vãmente n'alma guardada,
Huma palavra truncada,
Hum certo mudar de côr.

Duro amor, que coração
Saberá nunca occultar-te?
Que vai fazer força, ou arte,
Onde as tuas settas vão?
Cegos Amantes, em vão
O vivo fogo abafais;
Esses descuidados ais,
Que sem tino ao vento dáveis,
São provas incontestaveis,
São evidentes sinais.

De que ſerve eſtar fallando
Sizudos, e comedidos,
Se eſſes olhos inſoffridos
Vos eſtão ſempre entregando?
Alçados de quando em quando
Vão dizendo a occulta dôr;
Abaixallos, he peior;
Que eſſas viſtas contrafeitas
Dão ás vezes mais ſuſpeitas,
De que o peito occulta amor.

Mandando huma gallinha a huma Pretinha bonita, que gostava de brincar com ellas.

AS tuas fulas mãoszinhas,
Que a fome já não descarna,
E que de crearem sarna
Passão a crear gallinhas;
Acceitem creações minhas,
Que eu a outros fins guardava;
Senhora com côr de escrava,
Alta estrella, que em ti brilha,
Manda que se dê á Filha
Aquillo que o Pai furtava.

CANTIGAS

Feitas nas Caldas com o Estribilho.

Olhos meus, cansados olhos,
O vosso officio he chorar.

NAs Caldas, nas tristes Caldas
Alegria vim buscar;
Quiz de noite ver o Sol,
Quiz achar fogo no mar.
Olhos meus, &c.

Que importa mudar de terra,
E baldados passos dar,
Se a toda a parte a que os volto
Vai comigo o meu pezar.
Olhos meus, &c.

Vejo pálidos doentes
Pela Copa passear,
Oiço de antigas molestias
Tristes effeitos contar.
Olhos meus, &c.

Ve-

Vejo nas férvidas aguas
Mirrados corpos banhar,
E de balde aos ſurdos Ceos
Convulſos braços alçar.
Olhos meus, &c.

Vejo de perdido pranto
Triſtes ais acompanhar,
Com as lagrimas alhêas
Vou as minhas miſturar.
Olhos meus, &c.

Que importa ver Ninfas bellas,
Se accreſcentão meu pezar?
Goſtão de attrahir os olhos,
E as almas tyrannizar.
Olhos meus, &c.

Ao ſom de feridas cordas
Dão doces vozes ao ar,
Quaes enganozas Serêas,
Que cantão para matar.
Olhos meus, &c.

Se o meu pobre coração
Se deixa huma vez tocar,
Com eſcarneos, com rizadas,
Meu pranto vejo pagar.
Olhos meus, &c.

Fartai-vos, pois, olhos meus
De lagrimas derramar;
Vós naſceſtes para triſtes,
E eſcolheſtes o lugar.
Olhos meus, &c.

A hum Leigo, que era veſgo, e que nunca teve faſtio; e a quem por acazo tocou na cabeça a ponta de hum eſpadim.

FErio ſacrilega eſpada,
Alçada por mão traidora,
Cabeça, que ſempre fôra
Té aos Barbeiros vedada;
D'entre a grenha profanada
Corre o ſangue á terra dura;
Toſquiou-ſe a matadura;
E o caſco rebelde a ordens,
Precizou deſtas deſordens
Para ter Prima Tonſura.

Feroz Soldado imprudente,
Que nova eſpada eſgrimio,
Foi o ímpio que ferio
Eſta victima innocente;
A quem do golpe inſolente
O motivo lhe procura,
Diz que fez compra ſegura;
Pois duvidozo na eſcolha,
Quiz ver que tal era a folha,
Cortando por coiza dura.

Homem de tenção damnada,
Só tu conſeguiſte o fim
De entrar o teu eſpadim
Aonde não entra nada;
Da repentina eſtocada
Cahe o Padre deſmaiado;
Mas quando recuperado
A ti os olhos volveo,
Sabes o que te valeo?
Foi teres já almoçado.

Todo o Mundo te praguceja,
Porque em deteſtavel guerra
Hias deitando por terra
Eſta columna da Igreja;
Mas ſe triunfaſſe a inveja,
E o Padre morreſſe então,
Dize, ó ímpio coração,
Que tanto em furor te atiças,
Quem ajudaria ás Miſſas?
Quem tocaria ao Sermão?

Quem nos daria a certeza
De haver outro homem ſizudo,
Que pudeſſe comer tudo
Quanto ſe puzer na meza?
Da próvida Natureza
Quem havia as Leis ſeguir!
Obſervante em digerir
Qual outro havia ſaber
Depois de acordar, comer,
Depois de comer, dormir!

Que importa, ó cruel Soldado,
Para defculpar teu erro,
Ter fido o teu ímpio ferro
Já pela Patria arrancado?
Que importa que em campo armado
Junto a fi Lippe te veja,
Que importa que o Mundo feja
Das tuas acções o abono,
Se a mão que defende o Throno,
Ataca depois a Igreja?

E tu, que fegues os trilhos,
Que S. Francifco te fez,
E pões os teus gordos pés
Sobre os feus fantos ladrilhos;
Pois que a feus devotos filhos
Guarda no Ceo largas pagas,
Nos olhos he bem que o tragas,
E de modélo não mudes;
E pois não he nas virtudes,
Que o feja ao menos nas chagas.

Estando o A. doente, e mandando pedir algum prato á meza, aonde jantava o sobredito Leigo.

HUm estomago cansado,
De cuja antiga ruina
Tem sido cauzas iguaes
A molestia, e a Medicina;

Que tendo em si dòs tres Reinos
As perigozas heranças,
Só não bebeo das Boticas
Os S. Migueis, e as balanças;

Hum estomago sem forças,
E ás leis geraes infiel,
Que não trabalha em diamante,
Como o de Fr. Manoel;

Que

Que não tem, como eſte Padre,
Tanta fome obediente;
E olha já para a gallinha
Como elle olha para a gente;

Para emendar ſemrazões,
Que faz Arte, e Natureza,
Vai, fugido das Boticas,
Acoitar-ſe á voſſa meza;

Mil vezes por outra cauza
Teve a honra de buſcalla;
Indo então por matar fome,
Vai hoje por deſpertalla;

Perdiz, ou branda vitella,
São deſte remedio o nome;
Da voſſa eſplendida meza
Seja elogio huma fome;

E porque o Padre o não ſaiba,
Será a melhor cautella,
Mandar tirar a iguaria
Quando elle olhar para ella.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Ponte de Lima, Miniſtro de Eſtado, pedindo-lhe o A. licença para ir ao remedio de banhos, na occazião em que o meſmo Senhor ſe tinha encarregado de lhe promover a mercê de ſe imprimirem as ſuas Obras na Officina Regia.

CARTA.

SEnhor, entreguei meu livro;
Foi eſſe filho meſquinho
Co' a eſteril benção do Pai
Lançar-ſe aos pés do Padrinho;

Dei-

Dei-lhe em dote inuteis rimas,
Dei-lhe vazio thezoiro;
Mas voſſas mãos milagrozas
Convertem nadas em oiro;

Do mal fadado Parnazo
Quebrareis o injuſto encanto;
Nem ſempre ſeus verdes loiros
Serão regados com pranto;

Impertinentes crédores
Largar-me-hão em fim a rua;
O meu cégo abrindo a bocca
Lhes ha de fechar a ſua;

Até apertados genios
Sem vontade comprarão;
Farão focinho á Poezia,
E obzequios á Protecção;

Mas, Senhor, de livro basta;
He insulto ás mãos em que anda
Passar de ser o meu livro
A ser a minha demanda;

Foi esse meu rogo ouvido;
Deixai que para outro mude;
Tem objecto inda mais alto,
He mais do que oiro, he saude;

Contra o mal que me tem feito
Raivozos Caniculares
Me offerece a fresca Ericeira
Seus claros, sádios mares;

Sei que nestas ondas bravas
O banho hum risco teria;
Posso começallo alli,
E ir acaballo á Bahia;

Bramindo na vaſta praia
Enrolada vaga forte,
Dentro do pérfido ſeio
Me traz a ſaûde, e a morte;

Mas com protector penedo,
E cauto Marujo amigo,
O impune, tónico ſuſto,
Tórna em remedio o perigo;

Falta ſó licença voſſa,
E juro, Senhor, que vem;
Como podeis Vós negalla,
Se ſabeis que ella he hum bem?

He o Pindo o meu thezoiro;
O Occâno he meu Jordão;
D'ambos recebo mil bens,
Mas todos por voſſa mão;

Eu a beijo; ella receba
Gratidão devida, e pura
Em tributo que lhe paga
O Creado, e a Creatura. *

Ao Excellentiſſimo Senhor D. Lourenço de Lima, tendo promettido ao A. que quando chegaſſe das Caldas, havia lembrar a mercê de ſe imprimirem eſtas Obras.

CARTA.

ORa do cume dos Montes,
Ora em ſuas verdes fraldas,
Hia eſtender os meus olhos
Na longa eſtrada das Caldas;

So-

* Tinha nomeado o A. Official da Secretaria.

Sobre eſcumozos cavallos
Trotando empoada ſege,
Diſſe quem fez os meus verſos
= Ahi vem quem os protege; =

Alçando-me, hia a dizer-vos
= Senhor, chegou o meu prazo;
Honraſtes hoje outros Montes,
Honrai agora o Parnazo;

Prometteſtes fazer ferteis
Seus eſtereis Mirto, e Loiro;
Prometteſtes que a Hypocrene
Levaria arêas de oiro;

Sua clara, inutil vêa
Réga chão, que não ſe lavra;
Vinde fazello fecundo,
Vinde cumprir-me a palavra. =

Mas,

Mas, Senhor, não éreis Vós;
Era hum Casquilho, e do Povo;
Tornei a pegar nas Contas,
Tornei a esperar de novo;

Mil votos ao Ceo mandava
Este humilde orador fraco,
Que vos não vissem Carreiros, *
Nem os ladrões do Tabaco; **

Então carrancuda Noite
Me enxotou co' as negras azas;
E em honra dos taes Amigos
Vim como Gato por brazas;

Sei, em fim, que já chegastes;
Chamou por Vós minha dôr;
Venha o Illustre Conselheiro
Honrar-se em Procurador;

Fa-

* Allude ás Decimas da Enchára.
** Furto célebre feito naquella estrada.

Fazer bem, he mór grandeza;
Deo-vos, tambem esta, o Pai;
Vós ambos d' entre os meus loiros
Cruas silvas arrancai;

Com piedoza Geografia
As Paternas mãos benignas,
Emendando ingratos Mappas,
Ponhão o Pindo nas Minas;

O Impressor gosta de Versos;
Quer que os meus públicos andem;
Mas he hum tanto acanhado,
Não imprime sem que o mandem;

Elle perdoa o contagio;
Pegai-lhe a minha doença;
Só deixarei de gemer
Em gemendo a sua Imprensa;

Aſſigne, pois, meu Avizo,
Pia, obedecida mão;
Mas não cuideis que com iſſo
Dais férias á protecção;

O mais ávido Leitor,
Das Quintilhas pregoeiro,
Ha de achallas inſoffriveis
Em lhe cuſtando dinheiro;

E ſó em nojoza Tenda
De Braguez Chatim meſquinho
Terão ſahida os meus Verſos,
Embrulhando o ſeu toicinho;

Só rapazes acharão
Minha Muza doce, e meiga;
Não porque tenha Poezia,
Mas porque teve manteiga;

Mettei, pois, Senhor, em brios
Ricos peitos avarentos ;
Dizei, que comprem partidas,
Que he honra honrar os talentos ;

Que ſerão, comigo, eternos
Se me evitarem o mal
De ir ao Templo da Memoria
Pela porta do Hoſpital ;

E então da eſcondida burra
Ouvirá a ſurda aldraba
Não as vozes da Poezia,
Mas a voz de quem lha gaba ;

Indo abrindo, juraráõ
A duas Artes odio, e medo ;
A' da Guerra, em alta voz ;
A' da Poezia, em ſegredo.

Entretanto ao digno Pai
Pedi que me faça Author;
Sejão públicos no Mundo
Meus verſos, e o ſeu favor;

De Limas na honroza hiſtoria
Não ſerão titulos falſos
Fazer que as auguſtas Artes
Não marchem cos' pés deſcalços;

E Vós, firme Protector,
Fazei que por taes favores
Vamos beijar-vos a Mão,
Eu, e os meus dois mil Crédores.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde dos Arcos, ſobre o meſmo aſſumpto.

CARTA.

BAteu aos voſſos Portaes
Hum morador do outro Pólo; *
Veio ao Templo de Minerva
Dar hum recado de Apollo;

Vós ſois dos ſeus obrigados,
Bebeis ſeu licôr divino;
Manda que lembreis na Roza **
O eſquecido Tolentino;

Sei que alli meu pobre livro
Altos Protectores tem;
Mas agora ſó ſe falla
Neſta magica *Dutein*; ***

* Morava muito diſtante.
** Sitio, aonde morava o Miniſtro de Eſtado reſpectivo.
*** Dançarina célebre.

Apollo não troca as Artes;
Mas vendo a Artifice, infia;
Recêa que com taes braços
A Dança affaſte a Poezia;

Tambem ſois réo; mas bem póde
A Mágia dos paſſos ſeus
Encantar os voſſos olhos,
Sem fazer chorar os meus.

Ao Excellentiſſimo Senhor D. Fernando de Lima, ſobre o meſmo aſſumpto.

CARTA.

Forte co' a voſſa promeſſa
Dura voz ſe vai alçar;
Não vem como das mais vezes,
Não vem pedir, vem ralhar;

Não

Não he de esteril rabugem
Raiva inutil, que em mim lavra;
Venho brigar, e vencer-vos,
Minha arma he vossa palavra;

São Leis os priscos rifões;
Na mão a Lei me mettestes;
Sei que a ricos não deveis,
Mas a pobre promettestes;

Promettestes, que huma Imprensa
Faria hum faminto farto;
Meu livro, e as vossas promessas
Inda estão no vosso Quarto;

Sei que a vossa Illustre Caza
He das que honrão Portugal;
Mas eu quero outra melhor,
Quero a Caza Manescal; *

Re-

* Administrador da Imprensa Regia.

Reis de Hespanha a vossa honrárão,
E eu espero o mesmo delle;
Fizerão-vos *Ricos Homens*,
O mesmo me fará elle;

Vós sois Protector das Artes,
E dahi meu mal viria;
Talvez que pela da Dança
Vos esqueça a da *Poezia*;

Por *Dutein* esquece tudo;
Estes grupos tão gabados,
Não digo que são os vossos,
Porém são os meus peccados;

As tres Graças a fadárão,
Mas seus dons funestos são;
Tira ás Deozas a maçã, *
E a hum triste Poeta o pão;

* Fazia a figura de Venus na Pantomima, em que se reprezentava a fabula de Páris, julgando-lhe o pomo de oiro, destinado á mais formoza.

Se a vosso Pai vou queixar-me,
Juro que acceita a querella;
Juro, que vos quer os olhos
Antes em mim, do que nella;

Mas, Senhor, deixando graças
De poetica licença,
Este brinco quer dizer
Que apresseis a tal Imprensa;

Até por curiozidade
Forjai-me este mialheiro;
Só para vermos que effeito
Faz em mim o ter dinheiro;

Talvez que altiva luneta
Nos piscos olhos traidores
Não conheça huns tantos homens,
Principalmente os Crédores;

Talvez que o novel Gallego,
Que ſoltas bragas trazia,
Entaipado em pantalonas
Dê ao Amo ſenhoria;

Talvez que inventando heranças
Biſneto de grão Senhor,
A falſo eſpectro agradeça
O que devo ao Protector;

Senhor, ſe o oiro tal póde;
Levantai da empreza a mão;
Antes réo do meu tendeiro,
Do que réo de ingratidão

Mas inda agora he que eu vejo
Quanto me fui deſmentindo;
Diſſe que vinha ralhar,
Por fim acho-me pedindo;

Não pude acabar a farça;
Coſtume cuſta a vencer;
Comvoſco a minha linguagem
He pedir, e agradecer.

A' Illuſtriſſima, e Excellentiſſima Senhora Dona Catharina Micaella de Souza, tendo o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Luiz Pinto de Souza expedido Avizo para ſe imprimirem as Obras do Author na Officina Regia.

CARTA.

SEnhora, Apollo bem ſabe
Que ſois digna companhia
De quem em doirados annos
Lhe honrava a doce Poezia;

In-

Inda de viçozo loiro
Lhe guarda a verde coroa;
Fez-lhe falta em ſua Corte,
Mas a bem de outra o perdoa;

Manda, pois lhe eſtais ao lado,
Canteis polidos louvores
A quem em honra ao Parnazo
Fez verſos, e faz favores;

Vio o prazer generozo
Com que acabou a tenção,
Que crua Parca arrancára
De outra bemfeitora Mão; *

Vio,

* O Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Ponte de Lima, Miniſtro de Eſtado, tinha obtido a mercê de ſe imprimirem eſtes Verſos a beneficio do A. cujo Avizo não chegou a aſſignar por ſeu repentino falecimento.

Vio, que apreſſou ſeus negocios
Perante quem todos rege;
E que amigo do ſeu Monte,
Ora o ſóbe, ora o protége;

Grato ao grande beneficio
Vos envia o eſtilo, e a lyra;
Manda-vos cantar-lhe os hymnos,
Que lhe traça, e vos inſpira;

Diz que eſta empreza vos toca,
E que não admitte eſcuzas;
Que favor feito ao Parnazo
Hão de agradecello as Muzas;

Pulſai a lyra, enfreai
Bravos ventos rugidores;
Cantai agradecimentos
A quem cantaſtes amores;

Em má honra a longas cans
Desta empreza escuzo fico;
Fechou-me Apollo a sua Arte,
E quer que aprenda a de rico;

Dura, enganoza sciencia!
Incómmoda, tumultuaria!
Muito mais a quem andou
Sempre na escóla contraria;

Já em socegado somno
Não vejo doces ficções;
Inda a obra está na Imprensa
E já sonho com ladrões;

Sonho, que escalada a porta,
Medonhas caras sem dó,
Vem furtar a Tolentino
O que elle furta a *Boileau*;

Co' eſſe metal turbulento
Já d' antemão me malquiſto;
Que me não fará a poſſe,
Se a eſperança já faz iſto?

Sei quem poz a ultima força
Ao punhal, de que me dôo;
Mas, em fim, nada de raivas,
Dizei-lhe que eu lhe perdôo;

E que he tal neſta virtude
Meu conforme coração,
Que não ſó perdôo o mal,
Mas beijo por elle a Mão.

Offerecendo alguns dos Verſos, que vão neſte Livro ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja, Miniſtro de Eſtado, perante o qual ſe pertendeo deſabonar a Poezia, e os Poetas.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR.

V. EXCELLENCIA ſe digne de não julgar atrevimento ir eu aprezentar hum Livro de inuteis Verſos naquellas meſmas mãos, em que ſe apreſentão Papeis, que decidem dos intereſſes do Eſtado, e dos deſtinos dos homens. A Poezia, SENHOR, ſó he odioza a quem nella não he inſtruido. V. EXCELLENCIA ſabe a origem, e os progreſſos deſta Arte divina; ſabe que de ſeu berço foi conſagrada ao uzo da Religião, e da Politica; que por meio della o homem natural, que nutria vagamente entre fragas, e penedîas hum coração

ção tão contrario ao do homem civil, conheceo a humanidade, e tomou ſobre ſeus hombros o jugo da Razão, e da Juſtiça.

Que os primeiros Legisladores eſcrevião as Leis em verſo, para que a harmonia lhes aplanaſſe, ou encubriſſe aquelles paſſos eſcabrozos, que ferem, e revoltão a noſſa natureza, ſempre amiga da liberdade; que os Filoſofos, e Sacerdotes do Egypto enſinavão em Poezia os ſeus Dogmas; que os bons tempos dos Gregos, modélo dos Seculos de Auguſto, e de Luiz XIV., ao meſmo paſſo que ſe alargavão os limites do ſeu Imperio, vírão levadas á ultima perfeição, de que são capazes as obras dos homens, a Lirica, a Epica, e a Poezia de theatro.

V. EXCELLENCIA ſabe, que os Poetas de Auguſto, mais do que as Victorias de Farſalia, fizerão chamar-ſe o ſeu ſeculo, o ſeculo de Oiro: que a paſſagem do Rheno, e a conquiſta da Hollanda jazerião no eſquecimento, com o nome de Luiz XIV, ſe Corneille, e os que o ſeguírão, não mandaſſem ás extremidades do Mundo a fama de ſuas Victori-

rias; que ainda hoje a França conta, com prazer, entre as acções daquelle Monarca, a protecção, e acolhimento, que achárão ante elle as Artes, principalmente a da Poezia; e que as ultimas palavras do grande Corneille moribundo, forão agradecimentos ás liberalidades de Luiz XIV.

V. EXCELLENCIA ſabe, que a Auguſta Theologia da Eſcritura nos inſtrue muitas vezes dos Attributos de Deos por imagens inteiramente poeticas; que os Profetas, unindo maravilhoſamente o ſimples ao ſublime, fallão da exiſtencia, e da Omnipotencia de Deos, com a locução, e com as figuras da mais alta Poezia.

Mas, SENHOR, eu inſenſivelmente vou fazendo de huma Dedicatoria huma Diſſertação. V. EXCELLENCIA ſe digne attribuir eſte erro de methodo á deſordem de animo, em que me põe a ingrata ſem-razão de ver os Poetas desfavorecidos de alguns homens, talvez ſem mais crime, que ſerem favorecidos das Muzas.

V. EXCELLENCIA, em cuja alma raia a razão illuſtrada, limpa das ſombras do abuzo, não faz cahir ſobre o Poeta os de-

defeitos, que são do homem: a inconſtancia de genio, o deſconcerto das acções, a filozofia mal entendida, que caminha a paſſo cheio á devaſſidão de coſtumes, são os crimes de que o vulgo errado accuza indifferentemente todos os Poetas; mas ſe vemos que eſtas más qualidades brotão no coração de tantos homens, que não são Poetas, para que hão de elles ſós levar o ferrete, que a Natureza corrupta põe indiſtinctamente ſobre todos os que não deixão guiar-ſe da Religião, e da honra? Sempre houve Poetas, bem, e mal morigerados, aſſim como o reſto dos outros homens: e porque lei barbara ha de pagar a Poezia as fraquezas da humanidade? Porque falſa Logica havemos inferir, que o commercio das Muzas, a ſuave lição dos Antigos, em que vemos pintada a Natureza, e explicada docemente a boa filozofia, ha de affogar no coração do Poeta as virtudes, que a indole, ou a educação talvez alli plantárão?

V. EXCELLENCIA julga mais rectamente; ſabe, que em todos os ramos da vida Chriſtã, e Civil tem havido

Poetas, que hum talento não exclue os outros; que Richilieu fazia Verſos, e foi grande Miniſtro; que entre os Poetas, como entre todos os mais homens, huns são venturozos, outros deſgraçados; huns chamados aos grandes Empregos, outros inteiramente eſquecidos; que ſe houve hum Camões, e hum Bernardes, cuja memoria poſthuma foi a unica paga do ſeu merecimento; tambem houve hum Sá e Menezes levantado a Camareiro Mór dos Senhores Reis D. João o III., e D. Sebaſtião; hum Pedro de Andrade Caminha, Camareiro Mór do Infante D. Duarte; hum Garcia de Rezende muito eſtimado do Senhor D. João o II.; hum Sá de Miranda feito Commendador pelo Senhor D. João o III.; e para não fazer hum catalogo quazi infinito, houve o grande Ferreira, e Gabriel Pereira de Caſtro, os quaes, cada hum no goſto do ſeu Seculo, miſturando Bartholo, e Accureio com Homero, e com Virgilio, forão tão eſtimados pelos Verſos, que fazião no ſeu gabinete, como pelas Sentenças que lançárão nos diverſos Tribunaes a que forão promovidos.

O

O conhecimento da Hiſtoria Portugueza, huma das lições, que recreão o eſpirito de V. EXCELLENCIA, talvez concorra junto com o goſto, que tem pelas Artes, a que, ſeguindo o exemplo de tantos Reis, ſe não deſpreze de ouvir os Poetas: eu ſou huma prova viva de que V. EXCELLENCIA os ouve, e os protege: nos tempos da antiga Roma Auguſto fazia o meſmo; nos tempos da moderna, lemos, que Benedicto XIV. não ſe envergonhou de fazer a apologia aos Verſos de hum Poeta Francez com aquella meſma mão, de que pendião as Chaves do Ceo.

Eſta juſtiça, e bom acolhimento, que V. EXCELLENCIA faz á Poezia, foi quem me esforçou a pôr nas reſpeitaveis mãos de V. EXCELLENCIA hum Livro de Verſos; o terem alguns agradado a V. EXCELLENCIA, faz o ſeu unico merecimento: hum tal voto fez com que eu julgaſſe bem delles, e os levantaſſe á grande honra de ſerem offerecidos a V. EXCELLENCIA. Não me acovardão alguns aſſumptos joviaes, que nelles trato;

V. EXCELLENCIA ſabe, que ſe a Tragedia caſtiga os coſtumes pelos grandes affectos da compaixão, e do terror, tambem a Sátyra os caſtiga pelo meio do rizo; e eſte trabalho de minha penna, com que eu entretinha os meus cançados dias, paſſará a ſer o mais feliz, ſe tiver a fortuna de divertir alguns inſtantes a V. EXCELLENCIA, para que com mais força torne depois a metter mão nos importantes Negocios, de que os Reis, prevenindo os dezejos do Público, ſe dignárão encarregar a V. EXCELLENCIA: iſto dezeja, Senhor

DE V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde, e mais venerador.

Ao meſmo Senhor no dia dos ſeus Annos.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR.

OS louvores nem ſempre são filhos da lizonja, nem ſempre são a linguagem baixa, em que os infelices fazem o ſeu commercio com os Poderozos; quando aſſentão em merecimento ſólido, são huma paga devida ás Virtudes; o Ceo as dá; os Reis devem-lhe os premios; os outros homens os louvores.

Hoje, ILL.MO E EXC.MO SENHOR, nos apontão os Faſtos de Portugal o feliz Naſcimento de V. EXCELLENCIA; o coſtume conſagra com Elogios eſtes dias ſolemnes; a Patria recompenſa aſſim os Annos, que a ella ſe derão; e ſe em hum dia deſtinado aos obſequios, eu foſſe hum méro eſpectador, hum aſſiſtente ociozo,

o

o ſilencio, tantas vezes virtude, ſeria agora hum crime, ſeria huma prova da minha ingratidão.

A força do agradecimento, e a abundancia da materia me porião na boca huma torrente de louvores; mas V. EXCELLENCIA põe tanto cuidado em merecellos, como em não querer ouvillos; temo a ſua modeſtia; e huma virtude de V. EXCELLENCIA me não deixa fallar-lhe nas outras; porém ao menos ſejame permittido, que a minha alma ſe encha de complacencia, lembrando-ſe de que tres Reis elogiárão a V. EXCELLENCIA, chamando-o a grandes coizas; não quizerão que eſtes talentos jazeſſem debaixo da terra; ſobre ella, e ſobre os mares os fizerão luzir.

Na flor dos annos, quando as paixões, os exemplos, a natureza abrem guerra viva ao coração do homem, então vio a ſevéra Mageſtade do Senhor Rei D. João o V., que V. EXCELLENCIA tão moço nos annos, era já ancião no conſelho, e nos coſtumes, queria o ſeu voto nos Tribunaes, e o ſeu braço nas Armadas:

das: negros ventos, mares cavados, ferro, ſangue, erão os leitos brandos, em que V. EXCELLENCIA hia deſcançar das honrozas fadigas da terra.

Que direi do Auguſto, Piedozo, e ainda de freſco banhado das noſſas lagrimas, o Senhor Rei D. Jozé o I.? O merecimento, junto com a ſemelhança dos genios, e de idades, puzerão ſempre a V. EXCELLENCIA ao lado daquelle Monarca; mandou-lhe que acceitaſſe novos, e importantes Empregos; recebeo mil provas do ſeu poder, e da ſua familiaridade, e entre ellas aquella, que V. EXCELLENCIA não diſſe, mas que todos ſabem; aquella de que V. EXCELLENCIA nunca poderá lembrar-ſe ſem dôr, e ſem gloria.

Os Benignos, e Amaveis Soberanos, que vemos ſobre o Throno, puzerão o Sêllo na Obra, que ſeus Auguſtos Predeceſſores tinhão começado; encarregárão a V. EXCELLENCIA dos mais importantes Negocios do Eſtado: a madureza nos conſelhos, o ſevéro eſpirito de inteireza, os Reis, a Lei, a utilidade pública, são

os

os objectos, que vírão sempre na frente dos cuidados de V. EXCELLENCIA.

Mas, SENHOR, eu vou abuzando da bondade, com que V. EXCELLENCIA se digna ouvir-me : eu converto a minha falla ao Throno do Todo-poderozo, que tem na sua mão as vidas, e os successos dos homens; alli peço ardentemente, que dilate, que prospére tão bem cultivados annos; que conserve em V. EXCELLENCIA o bom Pai, o Vassallo zelozo, o grande Ministro.

Vós, Illustres Mortos, antigos Instituidores da Caza de Angeja, que trouxestes no peito o Sangue de dois Reis, não peçais conta delle; descançai em paz nos frios moimentos, cheios de Victorias, cheios de Serviços, que pagárão Deos, e os Reis por quem se fizerão. O vosso Herdeiro he digno de Vós; caminha sobre as vossas pizadas; herdou os vossos Titulos, e as vossas Virtudes.

E Vós, Moços Illustres, seus dignos Filhos, cujos costumes, frutos do exemplo, são alto elogio da mão, que vos educa, já os Reis vos chamão; querem

nos

nos Filhos perpetuar o Pai. Os largos, e felices annos, que o Ceo lhe concederá de vida, serão a vossa escola. Servi os Reis, e a Patria; sacrificai-lhe os vossos annos, e as vossas fadigas; sède affaveis, justos, inteiros; sede como elle.

F I M.

INDICE

Do que contém este II. Tomo.

QUINTILHAS.

QUARTETOS.

boa

CARTAS.

que

DECIMAS.

PROZAS.

ERRATAS DO II. TOMO.

A folhas 29, terceira Quadra, ſegundo verſo, deve ler-ſe = Aſſaltado =

A folhas 42, quarta Quadra, quarto verſo, deve ler-ſe = pragas =

A folhas 105, primeira Quadra, quarto verſo, deve ler-ſe como ponto ſem interrogação.

A folhas 122, primeira Quadra, terceiro verſo, deve ler-ſe = nos deixa =

A folhas 163, ſegunda Decima, primeiro verſo, deve ler-ſe = queira arguir =

A folhas 186, terceira Quadra, terceiro verſo, deve ler-ſe = off-rece =